

ASSIGNATURAS
 ANNO. 20\$000
 SEMESTRE. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Excitou-nos a tentação de perpetrar um hymno commemorativo da indulgente preferencia, do paternal amor da Santa Sé, concedendo ao Brazil um cardeal, um logar no sacro collegio, acontecimento que marcará com uma nota fulgentissima, pictoresca, indelevel, a pobre, a breve historia das nossas conquistas democraticas; mas ponderámos que o paladar do nosso povo está tão pervertido em materia de musica politica que não ouzamos realizar a commovente empresa.

A febra do nosso povo não se impressiona com os canticos patrioticos: hymnos lhe não entram no agrado, nem á mão de Deus Padre, nem á força de decretos solemnes, imperiosos. Por isso, ninguem cantou jámais o hymno da Independencia; o hymno nacional cuja poesia era um engrossamento réles ao Imperador, nunca passou de marcha triumphal, suggestiva, sem lettra que respondesse á impressão da melodia. A musa popular não abandonará os processos espontaneos, nem se subtraírá ás influencias das raças gerando a tendencia para os tangos, os dobrados e os maxixes sensuaes, bem peneirados.

O feito merecia, entretanto, um poeta que lhe exaltasse a importancia, o grande alcance social, politico e o effeito, lindamente ornamental, de um chapéo cardinalicio sobre o barrete phrygio da Republica.

E' tão grande a honraria que parece um sonho essa victoria sobre as legítimas pretensões da Republica Argentina, do Chile, republicas catholicas muito empenhadas em merecerem essa suprema graça, essa distincção sempre recusada teimosamente aos selvagens da America do Sul.

O Brazil Imperio, apesar das suas ligações officiaes com a Egreja, bateu em vão ás venerandas portas do Sacro Collegio, não lhe chegou aos augustos labios sequiosos a honraria que a

Republica leiga, sem religião de Estado, obteve, graças ao prestigio do seu sympathico representante no Vaticano, o sr. Bruno Chaves.

Cumpré, agóra, responder dignamente a essa altissima demonstração de affecto pelos unicos meios que se nos antolham — a elevação da nossa legação a embaixada e a decretação de uma dotação para subvencionar o esplendor da purpura que se não sustenta com palavras, nem com orações fortes, da ordem dessa dos *nove* que acaba de ser cruelmente condemnada, como piedoso charlatanismo, incapaz de arrancar uma almiúba aos tormentos do Purgatorio.

Não ha duvida que é caso de immenso jubilo para a Republica esse acto que nos põe a par dos Estados-Unidos da America: a grande republica do norte e a immensa republica do sul com os seus cardeaes: lá o notavel Gibbons, aqui o meigo Arco Verde, formando um delicioso *pendant* de principes da Egreja, não contando o sabor especial de vermos a Republica Argentina a se roêr de inveja, de despeito por esse amestrado golpe nas suas fumaças de preponderancia na America do Sul.

Isso vale, infinitamente, mais do que imitarmos os processos empregados pelos nossos amaveis visinhos para impulsionarem as suas forças productivas, para chegarem á perfeição de competirem com os productos similares dos povos cultos e produzirem todos os seus artigos de primeira necessidade para a manutenção dos seus cinco milhões de habitantes, promoverem a expansão dos seus meios de comunicação, os seus caminhos de ferro, os seus correios, os seus telegraphos, ao passo que os nossos dezoito milhões de habitantes perlustram, em marcha de kagado, a luminosa estrada do progresso, asphyxiados dentro do immenso territorio, cochilando á margem dos extraordinarios rios, enervados sobre um leito de thezoiros

inexgottaveis é mendigando aquillo que a prodigiosa *natureza* lhe não pôde dar de mão beijada.

Não nos importa que, todos os dias, supprimamos uma agencia de correio, um posto telegraphico em consequencia das desmarcadas, das excessivas, das absurdas taxas infligidas, como castigo, a um povo de analphabetos, que não tem pensamento a comunicar; nada importa, para o brilho dos nossos brazões de povo civilizado, que o desenvolvimento dos nossos meios de comunicação prosigam lentamente, num passo preguiçoso de quem não tem pressa de chegar, constrnindo estradas de ferro com tarifas prohibitivas e fazendo de todos os serviços que os governos civilizados teem de proporcionar ao povo, um genero de negocio, uma exploração industrial rendosa a cardar o imbele cordeiro á maneira barbara do imposto atrophiador de todas as nossas energias; nada vale, finalmente, para a consecução das nossas idéas, sermos um povo obscuro, ignorado, degenerado pela politicagem estúpida: temos um cardeal, conquista que representa a melhor, a mais activa, a mais proficua propaganda do nosso valor economico, social, da nossa mentalidade de filhos prodigos, de ovelhas desgarradas pelo tufão revolucionario de 15 de novembro, voltando penitentes, constrictas, humilhadas, ao seguro aprisco da Santa Madre Egreja, reparando o sacrilego erro de termos sonhado uma republica sem Deus.

Temos um cardeal e teremos, ainda mais, escancaradas as nossas portas, as portas dos nossos lares, das nossas escolas, aos frades de arribação, expulsos do velho continente, como elementos perturbadores, refugiados no Brazil para catechisarem desinteressadamente, piedosamente, o seu povo ainda immerso nas nevoas do peccado, nas trêdas sombras do fetichismo barbara.

Teremos as nossas moribundas ordens religiosas, restauradas á plena actividade, os conventos abertos á pregnica, ás desillusões, ao fanatismo, á hypocrisia dos naufragos do mundo, aos desenganados das ephemeras delicias deste valle de lagrimas, aos preoccupados mais com a salvacão d'alma do que com a preservacão do corpo, immundo ninho de peccados iniquos. E augmentará, ao esforço dessa immigração sagrada, a roça do dinheiro de S. Pedro, o divino tributo para o esplendor, para o fausto, para a opulencia do Vaticano, a doirada prisão do Papa, desse suavissimo pae que acaba de dar ao filho dilectissimo, ao Brazil de Anchieta, do padre Antonio Vieira, a mais robusta, a mais sincera, a mais eloquente demonstracão de affecto, roendo as cordas da rêde armada pela Republica Argentina para pescar essa insigne honraria.

Não ha duvida que si, desta vez, não engrossarmos a nossa importancia de povo sul-americano, si não attingirmos á anhelada hegemonia, ao culminante papel de povo director, de porta-bandeira da civilisacão nesta parte do novo mundo, é porque estamos profundamente, incuravelmente emmacacados, feridos de recalcitrante incapacidade.

Em todo o caso, não desesperemos: confiemos no prestigio dessa distincção inestimavel e ergamos mãos supplices a Sua Eminencia, para que nos abençõe e tire o quebranto desta encaiporada Republica. . .

* * *

Ha dias, ouvi á hora de terminarem as aulas de uma escola, um exame de meninas calumniando, num berreiro monstruoso, o hymno de Medeiros e Albuquerque e a bella musica de Leopoldo Miguez. Ellas gritavam inconscientes, esganiçadas: *Liberdade! Liberdade! abre as azas sobre nós.* E si não vissemos, formadas em exotico alinhamento militar, aquellas innocentes creaturas bamboleando ao rythmo do hymno, si não vissemos aquellas cabeças loiras de cujos labios purissimos, rosados, entreabertos, á maneira de romãs rachadas, num escancaramento de flôr exuberante, saíam torturadas as melodias do hymno da Republica e aquellas palavras que resoavam no tom afflicto de uma suppli-

ca anciosa, diriamos que rebentava alli o clamor das victimas dos autocratas que asphyxiam o direito do povo nos Estados.

Aquelles desgraçados, o infeliz e paciente povo brasileiro distanciado dos olhos complacentes do sr. Rodrigues Alves, entôam, a valer uma agonia desesperada, o hymno de Medeiros e Albuquerque e de Leopoldo Miguez, aquella apostrophe suprema perdida como um echo importuno na amplidão da indifferença.

— *Liberdade! Liberdade! abre as azas sobre nós.* — clamam e berram os párias; mas a liberdade não os ouve, não os attende, porque tem um grão na aza; está como um ornamento zoologico nos formosos jardins do Catete.

Reze, reze Sua Eminencia o novo cardeal brasileiro por esses degradados da Republica.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A *Segunda Parte* do livro expõe a theoria *parasitaria*.

O parasitismo, no reino vegetal e no reino animal, é phenomeno tão vulgar e universalmente repetido que não escapou aos mais remotos observadores dos antigos tempos.

Aristoteles é a prova.

Nas sociedades humanas, certas relações de dependencia e subordinacão voluntaria receberam aquelle qualificativo, egualmente, desde os antigos escriptores. Falando dos *bardos* celtas, já Poseidonios lhes chamava os *companheiros de mesa e parasitas dos reis*. Não é tudo. Em certo sentido, toda a enorme categoria da existencia não passa duma immensa cadeia de parasitismos.

Parasitas são todos de tudo e tudo de todos; parasitas são os vegetaes uns dos outros, são os animaes entre si e em relação aos vegetaes de que se nutrem; parasitas são as classes sociaes umas das demais; é o Estado em face da sociedade; é o commercio em relação á lavoura e ás industrias fabricas e manufactureiras; é o capitalista deante do operario que o enriquece, e o operario para com o capital que o nutre. Parasitas são os astros, pôde-se dizer, em relação ao espaço, a Lua em relação á Terra, a Terra em relação ao Sol, o Sol em relação a algum grande centro cosmico desconhecido; parasitas são todos esses do tempo que os faz mover e os destróe.

Com todo seu orgulho, não passa a humanidade, na phrase de A. d'Assier, dum monstruoso polypo, *simples parasitas da epiderme da terra*. «A sorte de nossa especie está tão intimamente ligada, escreve o arguto philosopho, á do Globo sobre o qual gravita, que qualquer movimento do eixo da trajectoria terrestre implica um movimento analogo no eixo da trajectoria humana. Parasitas da epiderme planetaria, cada uma de nossas pulsações repercute as pancadas que agitam o monstro tellurico.» (*Essai de Philosophie Naturelle*, III, pag. 291).

Mas, assim concebida, é claro, a qualidade de *parasita* é um *predicado* que, por demasiado extenso, não define o *sujeito*. É pallido, incolor, indeterminado, incaracteristico, indefinido, e, como tal, não pôde exercer a funcção logica de distinguir e classificar. Nessa acepcão generica, é apenas uma *metaphora*, que amplia e, implicitamente, falsêa, o significado rigoroso que tem o qualificativo em historia natural.

É essa acepcão metaphorica que, em rigor, se pôde falar de *parasitas e parasitismo* na vida social da humanidade.

Mas com tamanha latitude, é evidente, esse pretenso qualificativo não pôde servir de base para a explicação da vida politica, economica, scientifica, historica, em summa, de povos quaesquer.

Si foi com essa tenção que empregou o termo, desvirtuando-o, o nosso auctor, seu livro pécca pela base e não merece o minimo credito.

É tenho o dever de acrescentar que, mesmo no sentido tecnico, peculiar, restricto, que tem a palavra em botanica e zoologia, o sr. Manoel Bomfim não podia, sem dislate, applical-a, como fez á evoluçao politica da Hespauha e Portugal e de sua actividade colonisadora nos tempos modernos.

Parasita, ou, melhor, *parasito*, é expressão peculiar á vida vegetal, e quer dizer, etimologicamente, *que vegeta sobre (outra planta)*.

Da botanica passou, por extensão, ao reino animal, no sentido de *que vive sobre ou dentro (de outro animal)*.

Como sêr biologico, o homem é, como qualquer outro, a séde de varios *parasitos*, mas não é parasito de nenhum.

Na sociedade, nas relações que ella crêa e determina; e, pois, como sêr sociologico, o homem não se pôde transformar e vir a ser aquillo que na simples esphera animal elle não é nem pôde ser: *individuo que vive ou vegeta em cima ou dentro de outro*.

O termo assume, nas relações sociaes, character metaphorico, e *parasito* passa a ser synonymo de *papa-jantares*.

Ora, em tal acepcão, pequenina e

pullia, é uma verdadeira aberração assentar em base tão fragil e mesquinha a philosophia da civilização peninsular e do valor das nações que ella veio a produzir na America.

Nesta ultima acepção translata de *papa-jantares*, dado que o sr. Bomfim o empregue no sentido, ainda mais translato, de *systema de viver á custa da riqueza, da fortuna ou do trabalho alheio*, o parasitismo não é coisa que, sem grave erroñia, se possa invocar como principio explicador das luctas, das conquistas, das glorias, das grandezas e das lacunas do genio das populações hispanicas.

Dest'arte, e fazendo ao perplexo escriptor todas as concessões possiveis, sou forçado, e digo-o com magua, a declarar que só no tocante á base biologico-social do seu confuso e immethodico livro, errou :

1º Em exaggerar o phenomeno trivial do parasitismo, no que é admissivel em assumptos sociaes, nas Hespanhas ;

2º Em estendel-o a todas as classes, de alto a baixo em ambas as nações peninsulares ;

3º em fazer delle o principio basico e dirigente de toda a historia politica e social daquelles povos ;

4º Em tomar um méro e réles *symptoma* por causa efficiente da acção nacional :

5º Na explicação fallia que dá desse mesmo *symptoma*, cuja existencia não sabe demonstrar fóra de declarações inuteis ;

6º Em dal-o como explicação unica das vicissitudes da historia e da vida da America latina ;

7º Em não comprehender a historia da grandeza e do declinio de Hespanha e Portugal ;

8º Em falsear a historia das colonias, preponderantemente a do Brazil, sobre o qual cae em ineptas contradicções.

9º Em dar o tal parasitismo como um phenomeno, por assim dizer, peculiar aos ibericos, ao seu modo singular de crear e dirigir as colonias ;

10º Em, finalmente, não distinguir os casos em que o parasitismo, quando real, foi mais das *colonias* do que das *metropoles*.

São proposições que a leitores de alguma cultura resaltam, provadas, dentre os disparates do livro.

E' preciso não saber nada de assumptos sociaes, politicos, economicos e de historia da colonisação antiga e moderna, para se deixar prender naquelle cipoal de desacertos e heresias.

Abra-se o livro nos tres capitulos da *Terceira Parte*: — *As nações colonisadoras da America do Sul*, — onde se acha exposta a patusca doutrina do parasitismo dos dois povos ibericos.

Antes de tudo, releva pezar e ver como são frageis e leves as fontes onde Manoel Bomfim foi beber sua

sciencia historica das gentes peninsulares.

Fala de portuguezes e hespanhões e de seus mais longinquos antepassados, não com os subsidios de um Jubainville, um Dozy, um Mommensen, um Bukle, um Pompeyo Gener, um Hubner, um Pérez Pujol, um Martins Sarmiento. sinão com as declamações, erros e despropositos de Oliveira Martins nos seus dois pamphetos historicos-politicos intitulados *Historia da Civilisação Iberica e Historia de Portugal*; livros perniciosissimos, causadores de males incalculaveis entre dilettantes.

Os estudos historicos de O. Martins, pondéra, com razão, José Caldas, não têm novidade de documentos nem originalidade da investigação, a despeito de certa originalidade, quasi sempre disparatada, cumpre accrescentar, de critica.

« A intuição historica de Oliveira Martins, adeanta o mesmo erndito José Caldas na sua admiravel—*Historia de um Fôgo-Morto*, é tal que, a lance opportuno, depois de comparar Palmella a Alvaro Paes, e o Condestavel a Saldanha (!), chama a d. Pedro IV, d. João I!. Não é possivel em tão breves palavras um acervo dos mais irreverentes e dos mais irracionaes desconcertos. » (*Historia de um Fôgo-Morto—Vianna do Castello*; pag. 443).

Já nem é preciso, por demasiado fortes, repetir as palavras em que o mesmo pesquisador moderno portuguez se refere ás *interinidades* do sentimento democratico de O. Martins, que, escrevendo como historiador do povo, *acabou como o mais vil e o mais pernicioso adulator dos reis*. Expressões são estas ultimas que, por grosseiras, vão além do alvo. Mas tudo isto, na bocca do escriptor do saber e da fibra de José Caldas, está indicando que já agóra não existem sinão ignorantes e desvalidos pobretões espirituaes para tomar a serio as paçadas de Oliveira Martins.

Estava reservado ao sr. Manoel Bomfim vir, em começos do seculo XX, regalar os seus leitores com paginas e paginas dos citados pamphletos martinescos sobre Hespanha e Portugal, não se dignando tambem de mostrar que sua sciencia de nossa terra é, outrosim, haurida no miserolivrinho *O Brasil e as Colonias Portuguezas* do mesmo desageitado escriptor.

E para que se note a sêde com que o sr. Bomfim se atirou a *parasitar* sobre o pobre Oliveira Martins, basta que se repare nesta terrivel proporção:—Em 2.276 linhas que se contam nos tres capitulos da referida parte terceira—1.144, salvo erro ou omissão, são tiradas de Oliveira Martins. Mais de metade !

Convém não esquecer que tambem alli se acham transcriptos trechos e trechos de Rocha Pombo, fonte unica de Manoel Bomfim no que se refere ás republicas hespanholas da America.

Quasi nada fica pertencendo, de lava propria, ao moço professor.

J. Massart e E. Vandervelde forneceram-lhe as miragens do *parasitismo social*, com applicações especiaes ás colonias do novo continente.

Oliveira Martins enchen-lhe os bolços de notas falsas ácerca da Hespanha, Portugal e Brazil, mui aptas para serem grudadas pelo parasitismo de Massart e Vandervelde.

Rocha Pombo esvoaçou-lhe sobre a America nuns reaccionarismos anti-europeus de quinta ou sexta ordem pelo atraso das investidas e a pulhice dos conceitos. Com tão fallhos e suspeitos elementos é que foi architectada a *America Latina*. Avaliem.

Tal a razão pela qual, tiradas as declamações, o livro se redúz a cinza e nada.

Entre as interminaveis citações, cumpre notar, antes que me esqueça, figura uma, que, só por si, dá a medida dos estudos de Manoel Bomfim e da seriedade com que coseu os fragmentos do seu livro.

Refiro-me ao trecho que transcreve da pagina 104 á 108, com estas emphaticas palavras: « A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de matar todas as velleidades de progresso; a historia dessas duas instituições é a historia da degeneração iberica, que se vê perfeitamente retratada neste quadro, devido a *um dos mais vigorosos e conscienciosos escriptores peninsulares actuaes*—o sr. Theophilo Braga. . »

Segue-se o famoso quadro que abre com estas palavras:—*A uma geração de philosophos, de sabios e de artistas creadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores.*

E' um trecho forte, bem feito, vibrante na côr e no estylo.

Logo após as primeiras palavras, conheci que não era, não podia ser de Theophilo Braga, e escrevi á margem:—« Não é do trapalhão mosarabe; só si é filado ! » —

Com pouco esforço, lembrei-me do verdadeiro auctor: Anthero de Quental, no opusculo—*Causas da decadencia dos povos peninsulares*.

E, o que mais admira na cegueira do sr. dr. Manoel Bomfim, o trecho vem citado, com indicação certa de quem o escreveu, por Oliveira Martins, tão cruelmente parasitado pelo moço brasileiro, na *Historia da Civilisação Iberica*, pag. 262 a 264, da 2ª edição; 280 a 282, da 4ª

Si até em coisas tão simples, si até nos nomes dos auctores que cita, o nosso joven Manoel faz trocas tão bur-

lecas e mete, tão sem cerimonia, os pés pelas mãos, avalie-se em casos mais graves.

Mas vejamos o conteúdo dos tres capitulos da *Terceira Parte*.

São os mais consideraveis de todo o livro e se intitulam: *Aeducação guerreira e depredadora; Parasitismo heroico — o pensamento iberico; Transformação sedentaria — decadencia degenerativa*. Ha allí curiosidades de espantar. . .

* * *

A *Segunda Parte* da *America Latina*, sob a deuominação de *Parasitismo e Degeneração*, não reclama analyse prolongada. Não passa de um acervo de logares communs de biologia sobre o phenomeno natural do parasitismo. São trivialidades.

O que nestes artigos já ficou dito dispensa peculiar pesquisa por esse lado.

Urge abordar, como já disse, a *Terceira Parte* do livro, onde as noções biologicas ácerca do phenomeno citado são applicadas ás *nações colonisadoras da America do Sul*.

Preparem-se para ouvir ousadas extrayagancias.

«A Hespanha apparece na historia, escreve Bomfim, com as invasões *carthaginezas* da peninsula, pelo IV seculo antes da era actual.

Por ventura (Este *por ventura* merece uma *opera-bufa*...) houvera já outras invasões de *phenicios* ou de *berberes* em tempos prehistoricos...

Parece certo, tambem, que varias migrações de *celtas* correram para fórmr estes povos que lá se encontravam — os chamados *celtiberos*, na epocha em que principia a historia da peninsula».

E' uma pena, um cacho de dispanterios esse trecho transcripto, ditia eu, si não quizesse ser moderado.

Eis em que vem a dar a leitura de O. Martins como guia e mestre em coisas de historia...

O sr. Bomfim achia problematica a estada dos *phenicios* na peninsula, coisa materialmente provada pelos monumentos e por documentos do valor do *periplo de Mannon*, glossado na *Ora Maritima* de Avienus. O mesmo lhe acontece no que tóca aos *celtas*, cuja permanencia e definitivo estabelecimento na Hespanha são attestados por toda a litteratura classica de gregos e romanos.

Não fala nos *iberos*, não diz palavra dos *ligures*; refere-se desintelligentemente aos *berberes*...

Vê-se por tudo que o professor brasileiro não quiz estudar nada da ethnographia da peninsula; nem procurou saber-lhe os rudimentos.

Não procurou informar-se dos trabalhos, hoje correntes nas mãos dos que estudam, já não digo de Müden-

koff e Hübner: mas de Jubainville, de Lefèvre, de Berthand, de Martins Sarmiento, de Leite de Vasconcellos.

Si tivesse lido attentamente, ao menos, *Les premiers habitants de l'Europe*, de Jubainville, teria visto, sem a menor sombra de duvida, a seriação dos invasores e habitadores na peninsula, após o homem quaternario e o das cavernas.

Não viria ainda agóra escrever aquelle comico *por ventura* e embulliar *phenicios* com *berberes*. A ordem é esta, sr. Bomfim, após os homens das cavernas: *iberos, phenicios, ligures e gregos, celtas, carthaginezes, romanos, suevos e godos, arabes*. De *silingos, alanos e vandalos* pouco haveria a dizer, dos primeiros, porque fôram destruidos antes de crearem raizes serias em a nova patria; dos ultimos, porque quasi se limitaram, após curta demora, a atravessar a peninsula de passagem para a Africa.

Póde-se, talvez, fazer nesta lista apenas uma modificação, a conselho de Francisco Martins Sarmiento, o grande ethnologo e historiador portuguez, isto é, collocar os *ligures* antes dos *phenicios*; porque a argumentação do sabio auctor d'*Os Argonautas* me parece victoriosa, neste ponto, contra Jubainville.

Mas é só; tudo mais é inatacavel: aquelles povos, e naquella ordem, seन्हorearam as Hespanhas, em maior ou menor extensão, sem a menor sombra de duvida.

O *por ventura*, o *parece* de Manoel Bomfim, sobre trez povos que apresenta em vez de cinco antes dos *carthaginezes*, não tem o mais leve fundamento critico ou historico.

Após a tropega *ouvertura* ethnographica, segue-se um apanhado lucuosissimo e pessimamente feito das luctas peninsulares entre *carthaginezes, romanos, godos e arabes*, no qual o auctor procura, no intuito de destacar o *genio turbulento* dos povos hispanicos, fazer sobresaír a *guerra, a lucta, a desordem* constante, a *rebellião* endemica.

E' uma colossal e eterna fogueira, onde ardem perpetuamente as gentes peninsulares, sendo verdadeiramente miraculoso como do meio de tal incendio saíam tantas riquezas, tantas obras d'arte, tantos poetas, pintores, dramatisas, oradores, jurisconsultos, eruditos de toda a ordem e, o que mais espanta, mulheres tão bellas e tão encantadoras.

Quer me parecer que a esse eterno e perpetuo batalhar nas Hespanhas ha alguns embargos a oppôr.

E' ao periodo godo e aos tempos arabes, *por doze dilatados seculos*, que o sr. Bomfim attribúe princijalmente a guerra incessante, sempre estribado

em Oliveira Martins, que o faz errar ainda mais do que de costume.

Estude o nosso imitador das levandades de O. Martins, por exemplo, o bello livro de d. Eduardo Pérez Pujol — *Historia de las Instituciones Sociales de la España Goda*, e veja como foi pacifico e brilhante allí o periodo *phenicio*, desdobrado mais tarde no *carthaginez*, prolongamento natural da mãe patria, cujos dominios herdaram e desenvolveram.

Foi allí, onde o commercio, a cultura do sólo, a mineração dos metaes, tinham accumulado riquezas extraordinarias, que os Barcas acharam gente e dinheiro para, por trez vezes, fazerem a guerra a Roma, invadindo, numa dellas, a Italia, cuja ruina politica esteve a dois dedos de completa realisação.

Pelo que se refere á conquista romana, de que é costume dizer haver custado *dois seculos de tremendas luctas*... não passa isto de uma phrase de effeito na bocca de oradores. O facto certo é que as regiões do nordeste, de leste e do sul da peninsula submetteram-se quasi sem resistencia. No centro e oeste, a lucta se prolongou por bastante tempo, mas não chegou a dois seculos, facto acontecido apenas com as barbaras gentes do noroeste, os montanhezes das regiões cantabricas. Mas, mesmo allí, as luctas, de certo tempo em diante, eram correrias, que — *han de considerarse como depredaciones privadas, semejantes á las que aún en el siglo pasado hacian los higlands en las tierras bajas de Escocia*.

Perto de cinco seculos de quasi inalterada paz, fizeram da Hespanha, máu grado a fereza do despotismo romano, a mais rica e prospera das provincias do Imperio.

Mais valorosa e cheia de recursos que a da Gallia, ou a d' Africa, ou a d' Asia, ou a da Grecia, foi essa Hispania, patria de litteratos, oradores, poetas, politicos e geraes, os mais famosos dos melhores tempos romanos.

O quadro da Hespanha romana é grandioso e não é o logar aqui de o esboçar. Basta-me repetir, com o insigne historiador das *Instituições Godas*:

«La larga paz que disfrutó España bajo la dominacion de Roma, facilitó singularmente la difusion del idioma, costumbres, leges e cultura de los vencedores». (*Historia de las Instituciones de la España Goda*, I, pag. 133).

Só por ahí vão apreciando o pavoroso incendio em que andou a arder a peninsula no periodo *carthaginez* e nos bellos dias de Roma.

Mas o sr. Bomfim se reportou peculiarmente aos tempos godos e arabes. Vamos ver si tem razão.

«Quando os barbaros do norte, es-

creveu elle, se *derramaram* sobre o imperio romano, a Hespanha é (*ou foi?*) invadida pelos visigodos, vándalos, alanos... Verdadeiramente, não é a Hespanha a vencida por estas hordas: é Roma.

A península era, naquelle momento, essencialmente latina (*E' falso*)...

Substituíem-se os visigodos aos romanos; a guerra não se alonga muito; os barbaros passam assolando, saqueando, devastando (*E' falso*)... Mais fortes, os visigodos estabelecem-se definitivamente, fundam um imperio. Um seculo, (*Está errado*) durou o imperio visigodo, pujante e forte; isto não significa, porém, que houvesse sido um seculo de paz (*Está errado*)... A península não mais a conheceu, depois que os bandos barbaros desceram os Pyreneus; começou neste momento uma successão de luctas, de saques e rapinas (*E' falso*)... Os romanos não resistiram; mas os proprios barbaros disputavam cruelmente a preza entre elles (*Queria dizer entre si*)... Em 415, luctam os visigodos contra os vándalos (*Errado*) que são finalmente expulsos para a Africa.

Segue-se a lucta contra os alanos e suevos (*Errado*), que só termina em 584, pelo *anniquilamento* (*Falso*) definitivo destes ultimos, fixados na Galliza, e que, nessa data, perderam de todo a independencia.

Numa ultima campanha, (?) os visigodos, segundo um historiador, passaram a ferro e fogo, a Hespanha... Era dos costumes da epocha. Então começou o declínio do imperio visigodo.

...Quando começam a desaparecer os vestigios das depredações da conquista e da invasão, *menos de um seculo* (*Falso*) depois do estabelecimento definitivo das instituições visigothicas, surge em face da Hespanha o arabe, que vinha victorioso e avassalára todo o norte da Africa. Em 711, cõe sobre a península, vence facilmente o imperio visigodo, já enfraquecido, e substitúe-se ao barbaro christianizado. E a lucta se reaccende. Note-se: não é a guerra, é a lucta. Guerra, não ha quando o barbaro invade a península, que é tomada facilmente; guerra, não ha quando o arabe se apresenta: elle domina de prompto; mas a lucta se reaccende. Em verdade, o godo nunca dominou em absoluto toda a península...

Disputa dos invasores uns com os outros, resistencia, reluctancia de certas populações em acceitar o dominio dos novos conquistadores, mantêm a península agitada até ao começo do seculo VIII. E' o periodo da *agitação* e tambem o de *assimilação* e *unificação* (*Que milagre!... no meio de tanta desordem, de tanta lucta?!...*) dos povos peninsulares... Estabelecido o arabe na Hespanha, recomeçam as luctas e

revoltas, — agóra com um novo dominador.

Aniquilado o imperio visigodo, vão esconder-se nas montanhas das Asturias uns restos de insubmissos, irreductíveis; são os bandos de Pelayo, que vieram crescendo e engrossando, depois, avançando e reconquistando a patria, até expulsar completamente o arabe-mouro, oito seculos mais tarde... O arabe, o musulmano — typo perfeito de civilização expansiva, guerreira, depredadora, vinha flammante da sua nova fé...

Tendo vencido o mouro, convertendo-o ao mahometismo, arrasta-o consigo á Iberia... Durou pouco o poder, incontrastavel, de brilho e prosperidade do novo dominador.

As suas dissensões, — entre arabes e mouros, — os enfraquecem e permitem aos insubmissos asturianos avançar para a reconquista. São, estes, bandos de guerrilheiros, tão desorganizados a principio, tão instaveis, que mais parecem *salteadores*. No entanto, a resistencia avoluma-se, os revéis organizam-se, já não são bandos, são exercitos; estabeleceram *côrte* em Oviedo, e, em 739, vinte e sete annos, apenas, depois da conquista arabe, já apparece ao norte da península um Estado christão-hespanhol, saído desse nucleo de guerrilheiros asturianos...

Ficam assim, lado a lado, invadindo-se mutuamente, luctando sempre, christãos e sarracenos, até que, em 1492, cõe em poder daquelles o ultimo reducto mouro-arabe-granada. A Hespanha, que já vinha agitada, perturbada, convulsa (*Está exaggerado...*) ainda da invasão barbara, vivem, depois, estes *oito seculos* de lucta continua, tenaz, implacavel (*Está exaggerado...*), lucta de populações dominadas, e que vão, a pouco e pouco, reconquistando o sólo e levando deante de si o invasor... São infinitas as peripecias dessa campanha de oito seculos... Formam-se logo varias nações hespanholas, VIGOROSAS DESDE A PRIMEIRA HORA (*Milagre! no meio de tanta desordem?!*), e que se expandem crescendo sobre o *infel*, o inimigo commum...

Muitas vezes, os Estados christãos luctam entre si... O sarracenos tambem se hostilizam — mouros e arabes... Nos fins do seculo XV a Hespanha está constituida nação moderna, livre, organizada, victoriosa, (*Que milagre! no meio da fogueira?!*) e á custa dos seus proprios esforços. Esse trabalho intimo de organização fôra prodigioso, unico talvez, (?) do que se conhece na historia dos povos. Daquellas alluviões successivas de gentes — phenicios (*Faltam os iberos e os ligures*), celtas, carthaginezes, romanos, godos, suevos, alanos (*Faltam os silingos e vándalos*), mouros, arabes... ella fizera uma nacionalidade unica, *perfeitamente*

caracterisada, homogenea e forte (*Que milagre!*). Foi um cadiño de povos e raças, tradições e costumes; depurou, eliminou os elementos irreductíveis, irritantes; fundiu, congregou numa massa unica, o resto.

O cadiño *ferveu 12 seculos, 1.200 annos de lucta, guerra continua!* (*Que horror! e que cegueira!*). Não dessas guerras, em que só os exercitos tomam parte; das quaes a população soffre mas não soffre directamente.

Aqui, é a revolta *constante*, o *conflicto perpetuo* (*Que extravagancia!*) de populações inimigas, vivendo sobre o mesmo territorio, transbordando umas sobre as outras.» (*America Latina*, pag. 43 a 49).

Após esta e outras passagens assustadoras, chega o auctor á seguinte conclusão: «Qual o effeito destes *onze seculos* (*Agóra já não são doze!*) de guerra constante e generalisada sobre o caracter das nacionalidades ibericas?

De que fórma esse passado vem influir sobre o futuro? Duas fôram as consequencias deste passado de luctas permanentes sobre os povos ibericos, consequencias que se combinaram maravilhosamente para os impellir ás aventuras que constituem a sua vida posterior: a *educação guerreira*, exclusivamente guerreira, a cultura intensiva dos instinctos bellicosos de centenas de gerações successivas e o *regimen* a que elles se afizeram durante esses longos seculos de viver de saques e razzias; o desenvolvimento sempre crescente das *tendencias depredadoras* e a *impossibilidade* quasi de se habitua-rem ao *trabalho pacifico*.» (pag. 51).

Apreciemos as premissas e as consequencias.

SYLVIO ROMÉRO.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria—
Impertinencias do exercito de Lopez—
Ainda a inacção da nossa esquadra.*

Foi curta a nossa marcha da Lagôa Brava, — o acampamento dos rigores estivaes, o Tala-cora, onde respirámos menos afogados, talvez pela situação topographica mais despejada. Só quem experimentou o calor infernal daquella região nos mezes de verão, pôde bem avaliar o que soffremos nos dias caniculares de dezembro e janeiro. O vento norte soprava abraçado como si saísse de fornalhas, empolgava os nervos, relaxava os musculos e entontecia, como si possuísse virtudes de alcool, despertando em uns, como em Francia, os instinctos ferozes do tigre, e atormentando outros num torpor indescritivel de lassidão physica e moral. Não é raro subir o thermometro de Celsius, á sombra, a

mais de 41 gráus, nessas paragens. Em Santo Tomé, no estio de 1902, chegou a 42, estando o aparelho cuidadosamente resguardado do sol. Exposto aos seus raios um thermometro de maxima, cuja graduação chegava sómente a 53, o indice de ferro subiu rapidamente e penetrou no reservatorio. E dizem, por lá, que o Brazil é quente como o Senegal! No Amazonas, debaixo do equador, nunca o sol de janeiro foi obstaculo ás nossas explorações pela fronteira septentrional, quer nos campos incendiados, quer na mattas espessas em que a custo penetram, dispersos, os seus raios ou nos rios largos onde cáem em cheio, aquecendo a agua, que se levanta em tenues vapores.

O Tala-corá foi o nosso penultimo acampamento em terras correntinas. Alli permanecemos desde o meiado de fevereiro aos fins de março. O exercito alliado estendia-se até ás immediações de Itati, então miseravel *pueblo*, saqueado e incendiado pelos paraguayos naquella epocha e, ainda hoje, insignificante e pobre. Occupavamos a esquerda da linha, os argentinos o centro e os orientaes a direita. Da extrema esquerda aos ultimos acampamentos da alliança, a distancia era de perto de dez legoas geographicas. Connosco estava o Osorio. Com os argentinos, Mitre. Flôres commandava os seus compatriotas e uma brigada de brasileiros na direita.

As margens do Alto Paraná, nas proximidades da confluencia do Paraguay e muito além, são geralmente de altos barrancos, onde os campos e mattos rarefeitos se alternam. A pouca distancia para o interior, tanto do lado paraguayo como do argentino, bréjos extensos, povoados de macegaes, lagôas juncosas, paúes maláricos e arroios atoladiços cobrem a vasta superficie, como grandes obstaculos que a natureza oppõe á marcha das invasões. Os campos são matisados tambem de capões, verdadeiras ilhas de matto como indica a sua origem *nheengatú*. A matta, ás vezes espessa, estende-se ao longo das margens dos rios e das lagôas.

O general em chefe tinha a sua tenda armada perto de São Cosme, em Ensenada ao sul da *Cañada Ipuçú*, que, conforme a ultima carta cadastral da provincia de Corrientes, se dilata para as bandas do oeste até alguns kilometros do Tala-corá e para léste além de Itati. Esse pobre povoado orgulha-se com a sua *Virgem*, mais milagrosa do que a de Itaquá no Paraguay e quasi tanto como a de Lujan, perto de Buenos-Aires. Todo o povo que o visinha e até os que vivem longe, nos confins de Corrientes e Missões, vão levar em romaria ao pequeno templo as suas offerendas á piedosa Imagem, que lhes cura os *empachos*,

manda a chuva benefica, reverdece os campos crestados pelas seccas prolongadas, allivia as dôres da alma, dá guapos maridos ás moças bonitas cheias de fé e conforta os crentes nos dias da desventura. O thezouro da adorada *Virgem* era rico de alfaias de ouro, prata e pedras preciosas, além das arrobas de cêra modelada em pernas, braços, cabeças e peitos cobertos de chagas pintadas de vermelho. A cêra ficou, mas as joias e a moéda sumiram-se, não ha muito tempo, com o cura que, no dizer da gente, fez peior que aquelle sacristão que jogava todos os dias com Santo Antonio as esmolos que achava no mealheiro.

A cavallaria do bravo general Hornos vigiava, na margem do rio, os movimentos do inimigo, que tinha asentado os seus arraiaes no Passo da Patria com um exercito de trinta mil homens, resistentes ás fadigas e bravos por atavismo e capazes de todas as loucuras que *el Supremo* lhes ordenasse, tal era o seu fanatismo por esse homem, que assumiu no espirito dos compatriotas habituados ao jugo feróz e despotico dos seus antecessores, collossaes proporções, quasi sobrenaturaes. Pouco maior era o exercito alliado, que não ia além de quarenta mil combatentes, cuja grande maioria era de brasileiros.

Parecia que Lopez queria experimentar os seus guerreiros e acostumar-os ao aspecto dos soldados da alliança antes que fôsse invadido o territorio paraguay. Parece difficil explicar de outro modo as incursões que mandou fazer com curtos intervallos no territorio de Corrientes, incommodando as forças argentinas, tiroteando com as suas avançadas, matando alguns, deixando outros fóra de combate, voltando com falta de meia duzia de mortos e conduzindo os seus feridos nas pequenas flotilhas de canôas, que regressavam vogando tranquillamente atopetadas e com as bordas n'agua. As noticias dessas escaramuças chegavam muito exaggeradas ao nosso acampamento. Nós as recebiamos e commentavamos com o espirito revoltado, perguntando o que faziam os navios da esquadra, que permittiam ás flotilhas de quinze e vinte canôas tripoladas por duzentos e trezentos homens atravessassem a remo o largo Paraná, um dos maiores rios do mundo, para atacarem as guardas avançadas do grande exercito alliado? Perguntavamos tambem porque o nosso general em chefe não ordenára que a divisão do general Hornos, que vigiava a margem do rio, castigasse essas audacias? Si ella não era sufficiente, que mandasse mais gente. Era um escandalo, diziam os mais exaltados. Os moderados pretendiam justificar o nosso amigo general Mitre, na presumpção de ser pro-

positada a falta de providencias com o fim de attraír ao interior as atrevidas guerrilhas e aprisional-as, afim de colher o illustre cabo de guerra informações circunstanciadas do theatro de operações, cujo pauuo de bocca ainda em baixo nos occultava bastidores cheios de mysterios.

— Propositado ou não, é um escandalo, que fará exaltar as qualidades guerreiras dos nossos adversarios, dando-lhes uma idéa desvantajosa do nosso valor e capacidade — observava um. E' preciso castigar esses temerarios.

— Nada mais facil — dizia um dos estrategistas — basta querer aproveitar o terreno, que se presta admiravelmente a operações desta natureza, constituido, como é, de campos *sujos*, semeiados de capões e bordados de matto, que indicam a qualquer recruta a manobra a effectuar.

— Queira o Mitre, e nenhum desses soldados paraguayos que nos vêem provocar, voltará para contar a emboscada em que caíu com todos os seus camaradas e o circulo em que ficaram encurralados.

Uma vez, desembarcou uma dessas pequenas e arrojadas expedições abaixo do acampamento das forças do general Flôres e voltou sem tentar a offensiva. As outras tinham por objectivo sempre a vanguarda argentina; cujo commandante era um valente soldado da velha escola, a cuja bravura não correspondia, nem a sciencia, nem a fortuna. O bravo official, afamado lanceiro, era daquelles que ficam melhor no posto de coronel, commandante de regimento. Todos os exercitos teem desses bravos, proprios para occuparem os salientes nas cargas onde o terror e a morte os acompanhavam faiscando as laminas das suas lanças. Contam as chronicas militares do seu paiz, que numa expedição que commandou contra os indios pampeanos, o cacique Calfucurá esperou-o a pé firme com a sua cavallaria em linha de batalha e assim recebeu a sua carga furiosa. Quando já se aproximavam, os bravos esquadrões argentinos estacaram. Os cavallos haviam se enterrado num tremedal. O general foi batido pelo chefe selvagem e escapou a patas do parrelheiro.

No fim do mez de janeiro, no dia 31, deu-se o memoravel combate de Corrales. Trezentos paraguayos commandados por um subalterno e conduzindo uma ou duas estativas de foguetes á Congrève, desembarcaram, na vespera, na margem correntina. Passaram o dia em guerrilhas com as forças da vanguarda argentina, que durante a noite vigiaram o seu bivac, proximo ao barranco do rio. O general Mitre, informado de mais este atrevimento, ordenou que uma divisão de infantaria argentina, sob as ordens do

bravo coronel Conesa, forte de mil quinientos e tantos homens, com dois canhões e mais oitocentos cavalleiros, marchasse incontinenti para dar uma lição mestra aos temerarios expedicionarios e, de uma vez para sempre, acabar com essas intoleraveis incursões. Os batalhões de Conesa, emboscados atraz dos capões, esperavam anciosos o inimigo e ardiam por gravarem com as pontas das suas bayonetas e espadas afiadas, mais uma data gloriosa nas paginas brilhantes da sua historia.

Pietro, o tenente inimigo, estenden, em atiradores, parte da sua gente e atacou bravamente. Conforme lemos no pequeno jornal illustrado paraguayo *Cabichuy*, os denodados guerreiros que avançaram eram menos numerosos do que os trezentos spartanos de Leonidas, que ficaram todos nas Thermopylas e fôram mais felizes do que elles, porque voltaram na maior parte.

O sol já em pino, travou-se a peleja encarniçada entre aquelles valentes, cujas condições eram, na verdade, muito desegnaes, não só pelo numero dos combatentes, como, principalmente, pela distancia em que se achavam dos seus respectivos exercitos. Mais tarde, chegou a Prieto um pequeno reforço de cerca de duzentos homens. O inimigo aproveitava-se habilmente dos accidentes do terreno e combatia sem treguas.

A sua resistencia foi digna de louvor porque os seus bravos adversarios mostravam-se cada vez mais ardentes nas refrégas, mantendo brillantemente as suas gloriosas tradições. Ao cair da tarde, o subalerno paraguayo hostilizava ainda, com fuzilada mortifera, os nossos alliados, que estavam já fatigados das brilhantes cargas que deram e com as munições exgotadas por um fogo demasiado violento.

Onviu-se o toque de retirada mandado dar pelo coronel Conesa, as musicas tocaram um hymno marcial, e os batalhões argentinos garbosos e consciuos do papel que haviam desempenhado com tanta gallardia, deixaram o campo de batalha respeitadas pelo inimigo, que cessou então o fogo e não ouzou mais sair da matta, onde ainda combatia nos ultimos momentos.

O combate de Corrales foi festejado pelo exercito de Lopez como um grandioso feito e os argentinos celebram-no como uma victoria onde o seu exercito mais uma vez se cobriu de immorredoiira gloria.

No dia seguinte, os paraguayos vogavam nas suas canoas, onde faltaram alguns tripolantes, para a margem opposta, e lá contaram a historia desse feito, que ainda mais exaltou a imaginação ardente do Dictador,—que mandou fa-

zer pelo celebre Cabichuy a sua descripção humoristica em guarany para que todos a lessem. O numero onde a lemos encontrou-se na bolsa de um official morto em Tuyuty.

Éo inimigo voltou sem ser incommodado, nem pelos navios da esquadra, que estavam fundeados vinte milhas abaixo, nem pela cavallaria argentina da divisão Hornos, que facilmente teria cortado a retirada da pequena força do tenente, que regressou com pequenas perdas, tendo aliás aberto nas fileiras valorosas da divisão Couesa mais de quatrocentos claros.

Antes de deixarmos o acampamento de Tala-cora, onde permanecemos mais de um mez, fomos distinguidos com a visita do nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Argentina o conselheiro Octaviano, em cuja honra o exercito brasileiro formou para uma revista á qual este assistiu num elegante *cabriolet* em traje de verão. Faria gosto ver aquella massa imponente de homens dominados pelo mesmo grande amor da patria marchar com garbo e gallardia, em cadencia, ao som dos dobrados suggestivos, desfilando, orgulhosos de sua nobilissima missão, deante do sympathico diplomata, que devia ter ficado desvanecido com aquelles patricios que anciavam por praticar feitos gloriosos á sombra sagrada da bandeira auri-verde, que tremulava ufana no centro dos batalhões. Era impossivel distinguir os corpos de linha dos Voluntarios da Patria. Confundil-os-ia o mais abalizado observador estranho, pois que todos tinham a mesma correcção nas manobras, marchavam todos sem perder o alinhamento, com o mesmo ar marcial e batendo o chão com a mesma força. Conheciam-se os Voluntarios pela gloriosa divisa de bronze dourado que traziam na manga das blusas.

Era boa aquella gente, que tanto honrou ao Brazil na phase das suas maiores provações.

Em fins de março, avançamos para a margem do Alto Parauá, que estava proxima e armamos as nossas tendas ao longo dos altos barrancos do rio, largo, immenso, correntoso, que era a unica barreira a nos separar do inimigo.

Avistavamos da outra banda o pequeno perfil escuro do forte do Itapirú, numa saliencia basaltica, e viamos a bandeira tricolor agitar-se como si tivesse nervos ao arfar da brisa quente.

Em poucos dias, não mais estaria alli florendo.

O almirante já havia subido com a esquadra.

Os navios de madeira e os encouraçados estavam proximos, fundeados ou navegando e trocando canhoneços com as chatas paraguayas, que mal appareciam acima da tona d'agua, e o pequeno forte, que o bombardeio atu-

rado de algumas horas já devia ter desmantelado e redusido a ruinas. Já alguns illustres camaradas da flôr da armada nacional tinham pago o seu tributo de sangue á patria amada, morrendo por ella. Mariz e Barros, o estoico commandante do *Tamandaré*, que soffren a amputação da perna sem querer chloroformizar-se, estava morto. Vassimon, seu valente official, precedeu-o na viagem derradeira com um forte contingente de bravos marinheiros. Muitos estavam feridos. Dionysio Manhães Barreto, Victor Delamare, Silveira e o meu companheiro das expedições do Chaco—o Mascarenhas—que deixou a marinha depois da guerra para ser commerciante, privando a sua classe de um dos seus mais brilhantes ornamentos.

Todos esses e mais outros, cujos nomes me escapam á memoria, fôram victimas da catastrophe tremenda do *Tamandaré*. Uma bala paraguaya penetrou na casamata por uma das portinholas e, aos récochetes, matou e pôz fóra de combate trinta e cinco homens, entre os quaes sobresae o joven commandante, que acabou pedindo aos amigos desolados que o acompanharam nos ultimos momentos, que dissessem ao velho pae, o glorioso visconde de Inhaúma, que elle morria honrando o seu nome.

Approximava-se o dia em que caberia aos brasileiros a honra de executar uma das mais difíceis operações, que um exercito póde emprehender. Dentro em pouco, passaríamos o grande rio, defendido pelo mesmo inimigo audaz e valente, cujos piquetes o atravessaram algumas semanas antes para provocar e incommodar os avançados dos alliados.

Estavamos já no Passo da Patria.

DIONYSIO CERQUEIRA.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A tuberculose—Impregnação das cellulas vivas do organismo com uma substancia extraída do virus da tuberculose.

O Congresso contra a tuberculose, reunido em Pariz, terminou os seus interessantes trabalhos com a commovente comunicação do doutor Behring, sabio professor de Berlim, precedido pela reputação de descobridor do serum anti-diphtherico e do meio de immunizar os bovideos contra a tuberculose pela injeccão do serum bovovaccinico. Era natural que a auidade de milhares de interessados na debellação do flagello social desse proporções exaggeradas á comunicação anciosamente esperada, considerando definitivamente resolvido o tenebroso problema.

Mas o eminente bacteriologista não se arriscou ás afirmações precoces, ás consecutivas desillusões que marcaram com uma nota de tristeza a descoberta da tuberculina pelo doutor Koch, do serum Maragliano, na Italia, do serum Marumorek, em França, e muitos outros especificos que atravessaram o firmamento da sciencia como uma scintilla de esperança, rapidamente eclipsada, não obtendo as confirmações da experiencia.

O novo principio curativo, annunciado pelo eminente bacteriologista, é o mesmo que deu excellentes resultados nos bovidos e consiste na impregnação das cellulas vivas do organismo com uma substancia extraída do virus da tuberculose. Quando essa substancia, denominada pelo doutor Behring — T. C., se torna parte integrante das cellulas, elle a designa pelas iniciaes T. X. e ellas estão immunisadas contra a molestia.

Essa substancia não é simples, está associada com outros elementos bacillares dos tres, particularmente, tirados do virus tuberculoso—uma substancia sómente solúvel n'agua pura, da qual Koch tira a tuberculina; uma substancia globulínosa, solúvel numa solução salina como a do sal marinho, toxica como a de Koch; varias substancias não toxicas solúveis no alcohol, no ether, no chloroformio. A T. X., de Behring, é a mais venenosa: uma gramma no estado secco é mais poderosa que um litro da tuberculina. E' notavel que a T. C. transforma as cellulas conferindo-lhes ao mesmo tempo a immunidade, tornando-as adversas á cultura do virus tuberculoso.

E' isto, em resumo, o que se deduz da communicação.

O professor Metchnikoff se manifestou a respeito numa entrevista concedida a um dos redactores do *Journal*, de Pariz.

— Quando Behring — disse elle — chegou a Pariz para acompanhar os trabalhos do Congresso, me offereceu uma brochura na qual disse ter a esperança de, antes do fim de 1906, dar a certos collegas um novo remedio contra a tuberculose humana, remedio designado sob a denominação de F. X., que não é um sêr vivo, não contendo microbio.

Elle não lhe indicou a composição, mas affirma que já deu excellentes resultados na cura da tuberculose dos animaes, não tendo, conforme supponho até agóra, sido experimentado em pessoas. Apesar de ignorar a natureza desse medicamento e sua maneira de applicação, devem merecer confiança as afirmações e promessas de um profissional de legitima auctoridade no mundo scientifico.

Essa impressão optimista é, de resto, partilhada por muitas celebridades medicas, como Brouardel e outros

não menos competentes; mas dos factos resulta nada haver ainda de definitivo, porque o medicamento não foi ainda applicado á tuberculose humana.

Como ficou dito, o professor Behring se illustrou com a grande descoberta do serum anti-diphtherico, cuja applicação começou em animaes, sendo depois applicado pelo dr. Roux á cura da diphtheria humana. Em relação á tuberculose elle observa a mesma marcha parallelamente. Trabalhador de rara energia, pesquisador consciencioso, jámais desanimado pelo insuccesso, elle chegará á realização de suas promessas que, na phrase do professor Brouardel, são demasiado sérias para justificarem a espera de alguns mezes.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

O vasto continente do Brazil, cujo descobridor os brazileiros glorificaram perpetuando-lhe a memoria no monumento erecto na praça da Gloria, foi, durante tres seculos, colonisado lentamente.

A vinda do immortal navegador lusitano ás plagas americanas parece um desses problemas da Historia, dos quaes se apodera a imaginação dos povos, ou dos factos, creando lendas, ou *Eneidas*.

Pretendem uns que os galeões da frota portugueza fôram trazidos pela tempestade; outros pelo acaso; porém, Pero Caminha — o escrivão — affirma na curiosa carta a El-rei — que não sabe como se desgarrou uma das náus sem tempestade, nem indícios—*pera a haver*. O escrivão assegura que os navios encontraram mar calmo e bonançoso.

A carta de Pero Caminha, unico documento, que narra as minucias dos successos da viagem, exclúe o facto da tempestade. Releva observar que Vasco da Gama declarou que, em sua passagem, notou signaes de terra, e Alvares Cabral conhecia essa declaração. Desde a escola de Silves, eram os portuguezes amestrados em estudos geographicos, afeitos á navegação e tal a mania ou paixão nacional que um dos reis enviava os navegadores, despedindo-os com estas palavras: *ide pelos mares a descobrir terras*. (1) Ora, si era este o pensamento, ou mania dominante, si tinha havido a declaração de Vasco da Gama, si eram incontestaveis a mania e competencia dos portuguezes em assumptos de navegação, como explicar pelo *acaso* (palavra vã) aquillo que é resultante dos estudos, dos conhecimentos, da mania e experiencia do povo e dos navegantes? Alvares Cabral teria tido

por missão verificar as observações, que Vasco da Gama recolheu em sua passagem por aquellas alturas? E' crível que um rei, que enviava nautas a percorrer mares para descobrir continentes, não mandasse verificar as indicações de Vasco da Gama?! Que é mais razoavel: admittir essa probabilidade, ou explicar a vinda por tempestade, que o testemunho de Pero Caminha, consciente e positivamente, nega; ou, ainda, pelo *acaso*, que não passa de *inania verba preteraque nihil*?

O Brazil começou a ser povoado, cultivadas as terras, aldeados os indigenas. A colonia foi medrando, conquanto não merecesse os cuidados da metropole, que, todavia, explorava avidamente as riquezas das minas, que forneceram abundantes meios á prodigalidade ostentosa dalguns monarchas, por exemplo, d. João V. A colonisação, o desenvolvimento da agricultura, do commercio, só tomaram incremento no principio do seculo XIX por diversas causas, mórmente pelas revoluções que conturbavam a Europa, repercutindo, tambem, na terra do cantor das *Lusiadas*.

Expulso do reino pela invasão do exercito ao mando do general Junot, o rei de Portugal, d. João VI, então principe regente, partiu de Lisbôa, fugindo das garras do dominador da Europa, e, temendo compartilhar do destino do rei de Hespanha, que Napoleão inclauzou preso numa fortaleza, veio, com a familia real, refugiar-se na colonia brazileira, que, desta epocha em diante, principiou a receber os beneficios da civilisação.

De passagem pela Bahia, d. João VI publicou o decreto de 28 de janeiro de 1808, abrindo os portos do Brazil ao commercio do mundo inteiro. Era esse acto o primeiro arreból do luzir da liberdade e vinha aviventar povos, que jaziam nas trevas e miserias da ignorancia, no insulamento fóra do convivio das nações civilisadas.

Esse decreto não foi inspiração do principe regente, que não tinha as grandiosas concepções dum estadista; incutiram-lh'o no espirito as conveniencias de manter o favor do governo da Inglaterra, que ambicionava dar expansão ao seu commercio, ante-vedendo que o Brazil seria um excellentes mercado, quer no presente, quer no futuro, onde os productos da industria iugleza teria immenso consumo.

Alguns asseveram, por haver sido o decreto assignado na Bahia e redigido por illustrado jurisconsulto bahiano, que a idéa fôra ali suggerida; é, portanto, um bello e patriotico feito, que nobilita o nome do visconde de Cayrú. Essa asseveração apenas se firma no facto da assignatura e da publicação na Bahia. E', porém, insustentavel por fortissimas razões deduzidas da politica tradicional, domi-

nante no governo dos monarchias portuguezes particularmente da dynastia de Bragança.

Nenhum subdito, em Portugal, e muito menos um brasileiro, na colonia, ouzaria propor a idéa de franquear os portos aos estrangeiros. Suppor que algum temerario o fizesse, é desconhecer o pensamento, os uzos e costumes praticados naquella epocha.

Desde tempos remotos, a monarchia difficilmente permittia a entrada dos estrangeiros. (2)

E' ainda não attentar nas circumstancias criticas, em que Portugal, invadido e ameaçado de ser desmembrado, se achava na dependencia do governo britannico, que, effectiva, ou simuladamente, ostentava protegel-o. (3)

Nenhum brasileiro, que comprehendesse a grandeza e as vantagens daquella idéa, ouzaria manifestal-a, porque sabia que seria reputada um symptoma de revolução e crime de leza-magestade, que, nesses tempos de regimen absoluto, era punido de morte. O governo da monarchia portugueza creava obices de especies ao contacto de seus subditos com os de paizes estrangeiros; levava esse proposito até severa prohibição; levantava como que um cordão sanitario, querendo preservar-se do contagio de idéas subversivas, impias, philosophicas e revolucionarias. Assim, a colonia americana viveu, durante tres seculos, sob tal regimen. Entendia-se e commerciava directamente com Lisboa; não conhecia outras idéas, sinão as importadas do reino; ignorava a marcha da civilização moderna. Não se havia, certo, obliterado na memoria dos homens do começo do seculo XIX, o rigor com que foi punida a inconfidencia de Villa-rica, onde revolucionarios platonicos, apenas se limitavam a ter aspirações da liberdade civil e politica e a preconizar no segredo das conversações intimas, com as portas fechadas, as instituições do governo d'America do Norte. Todo brasileiro conhecia este estado de coisas e sabia ao que se arriscaria, si atrevesse suscitar a idéa da abertura e franquias dos portos. O principe regente, auzentando-se de Portugal, acompanhado, ao saír do Tejo, pela esquadra ingleza, que protegia a portugueza, já trazia no animo a deliberação de abrir os portos ás *nações amigas*, isto é, especialmente á Inglaterra, que logo celebrou vantajosos tratados de commercio, que deram logar a contínuas discussões diplomaticas. As outras nações da Europa, no meio das preocupações e dos perigos das guerras, não tinham que ver com o commercio da colonia brasileira mal conhecida, quasi ignorada. Só á Inglaterra interessava o commercio, por

quanto só ella possuia uma industria florescente e abundante; ao contrario, as outras nações ou estavam empenhadas nas luctas armadas, ou não tinham necessidade de expansão commercial. Não se julge o estado da Europa, em 1808, pelo esplendido espectáculo que apresenta hoje a concurrencia do capital, do trabalho e dos fecundos processos da industria e das sciencias novas. Consequentemente, a abertura dos portos foi idéa ingleza imposta a d. João VI, que precisava do auxilio do governo de Jorge IV, que era então regente por causa da impossibilidade mental em que se achava seu pae, o rei Jorge III.

Não fazemos uma simples, ou infundada conjectura; a imposição da idéa por parte do governo britannico é, talvez, um facto, que poderá ser provado por documentos historicos e diplomaticos.

O governo inglez sustentou renhidas discussões com o de d. João VI; não lhe forneceu os meios de protecção sómente *pelos bellos olhos* do monarcha luzitano.

D. João VI supportou a altivez do duque de Wellington, as grosserias brutaes do general Junot, quando embaixador de Bonaparte em Lisboa, antes da invasão; repeliu algumas das exigencias, acceitou a da abertura dos portos, porque lhe daria popularidade no Brazil, onde se vinha refugiar.

Não sabemos a razão pela qual se attribue a Silva Lisbôa (depois visconde de Cayrú) essa fecundissima idéa, que operou uma verdadeira revolução e apressou e influu nimamente no destino e independencia do Brazil. Quem estudar, com criterio, os discursos que Silva Lisbôa, *pezada e fastidiosamente*, proferiu na Assembléa Constituinte, de certo, não poderá, siquer, suppor que concepção tão liberal, progressiva e revolucionaria partisse delle.

Erudito jurisconsulto, religioso cultor das leis, espirito prezo á rotina, ao rigor das fórmulas; *laudator temporis acti*, tomado de surpersticioso respeito pela tradição, conhecedor iucomparavel da legislação romana e patria, avesso a novidades, adverso á introdução de estrangeiros recusando-lhes o direito de naturalisação, querendo manter e applicar ainda as disposições do Livro V das Ordens do Reino sob o regimen contitucional, (3) era um espirito sem grandiosas instituições do porvir e do progresso da liberdade e da opulencia dum povo nascente, que aspira ser livre e feliz. Tal intuição não podia passar pelo cerebro dum jurista, sabio, porém que não tinha as sublimes audacias e nem as deslumbrantes visões, que cabem, como dons preciosos, aos verdadeiros Homens de Estados, gloriosos politicos, que nobilitam e illustram o paiz onde nasce-

ram; felicitam o povo que governaram e engrandecem a epocha em que viveram. Pobre espirito de Silva Lisbôa, bem contente de andar *terra a terra* sob o pezo das Pandectas, das Ordenações e dos Alvarás, sem a fadiga e temeridade de remontar-se ás radiosas regiões da phantasias d'alma, ou de pujantes pensamentos!

Estabelecendo a séde da monarchia na cidade do Rio de Janeiro, cuja população sobresaía por muito insignificante, d. João VI desenvolveu grande actividade em promover uma série de melhoramentos materiaes e moraes. Levava o seu desvelo pelo Brazil a ponto de dizer que havia de formar, na colonia da America portugueza, um grande e rico imperio. A sua intenção era sincera, porque exprimiua sentimento que estava de accordo com a sua indole. Aprazia-lhe a vida calma e pacifica, livre das preocupações das questões renascentes na Europa, longe do tumulto de populações irrequietas. Chamava a nova capital o seio de Abrahão... Aqui tudo era paz e felicidade para elle, que amava viver descansado; que era, por natureza, indolente, *poltrão*, como o qualificára a rainha mãe. Habitando-se a viver satisfeito, não descurou de favorecer os progressos da sociedade, que realmente passou por uma evolução profunda.

Em 16 de setembro de 1815, elevou o Brazil á categoria de reino para ter jús a figurar no Congresso de Vienna como potencia de primeira ordem.

Tendo fallecido d. Maria I, que, desde o fim do seculo XVIII, enlouquecera, o principe regente, como herdeiro, foi coroado entre calorosas aclamações populares: a esperança de prospero e feliz reinado irradiava na alma brasileira, animada com os actos, que promoviam o bem e os interesses da colonia, por diuturno tempo abandonada, mas que sempre foi explorada por donatarios e governadores.

Aqui da America el-rei d. João continuava a governar os seus antigos Estados; entretanto, o reino portuguez, na Europa, passava por succesivas e medonhas crises. Avolumava-se-lhe a decadencia, que provavelmente começára no reinado de d. João V, produzida por causas anteriores e do funestissimo dominio hespanhol. A pujante, despotica e ouzada mão do marquez de Pombal, em vão tentou interropel-a e inteirar a nação pela senda da prosperidade e do progresso.

Ora, os portuguezes viaam na permanencia da côrte no Rio de Janeiro uma das causas dos males que soffriam. Empregaram todos os meios, que podessem induzir d. João VI a voltar á antiga séde da monarchia; baldados fôram os esforços. O rei, calmo e tran-

quillo, não cogitava em deixar a capital americana.

Já havia decorrido um periodo de 13 annos, em que d. João permanecia resoluta a não regressar a Lisbôa, demonstrando que passava á colonia o direito de governar a metropole. Os portuguezes, irritados, não queriam supportar esse capricho da realza. Elles, contemplanço o desmoralizador e tremendo espectáculo das revoluções desde a ultima phase do seculo XVIII, não acreditavam mais no direito de *per me reges regnant*. Não ficaram os filhos da Lusitania isentos do contagio das idéas e paixões, que abrazaram e transformavam o continente europeu. Compartiram das aspirações geraes, assim que resolveram romper com a monarchia tradicional e fundar outro regimen compativel com a liberdade civil e politica, fecunda e gloriosa aureola da civilização moderna.

Dessa ambição do patriotismo brotou, qual lava, o movimento liberal do Porto. (4) D. João VI, no Rio de Janeiro, estremeceu surpreendido e aterrado, comprehendendo o perigo. Ainda hesitou em deixar a côrte americana; tentou enviar o príncipe real d. Pedro, mas um dos seus conselheiros (o conde dos Arcos) o dissuadiu de tal proposito; mostrou-lhe a inutilidade de sacrificar o príncipe, creança e inexperiente, em terras nas quaes flammejava a revolução. O rei curvou a fronte afflictiva no Golgotha das agonias e, resignado ao tremendo sacrificio, deixou o Brazil, partindo para Portugal em 1821.

D. Pedro ficou investido dos poderes de regente do reino americano, governando-o segundo o regimen da monarchia tradicional. Os acontecimentos em Portugal coagiram d. João a passar por amarguradas provações e, no Brazil, arrastavam d. Pedro ás ultimas raias da rebeldia. Entre as causas, que o induziram a converter-se em campeão da independencia nacional, avultam principalmente duas: 1.^a o decreto das côrtes, privando-o dos poderes de regente e ordenando-lhe que partisse incontinentemente a viajar pela Europa para completar a sua educação; — 2.^a a propria insoffrida paixão do poder e de exercel-o *sem limites e contrapezos*.

Ora, o decreto das côrtes legislativas offendia, pessoal e positivamente, o duque de Bragança, privando-o de governar, ferindo a sua ardorosa paixão. Elle sentiu profundamente o golpe que lhe fôra vibrado pelas *infames côrtes portuguezas*, segundo sua propria phrase. (5) Ficou, durante algum tempo, hesitante, irresoluto. Por um lado, a ambição de governar o impellia a pôr-se á frente dos patriotas brazileiros e proclamar a independencia nacional, cuja aspiração era

geral e inflammava todas as almas. D. Pedro, no manejo dos negocios da regencia do Estado, observou-a. Mas, umas vezes, dissimulava; fingia não ver os symptomas revolucionarios, que na qualidade de logar-tenente d'el-rei cumpria-lhe reprimir e castigar. Outras vezes, até animava e acolhia os patriotas e com elles convivia. Por outro lado, hesitava, porque, herdeiro da casa de Bragança, temia que a separação operasse, inevitavelmente, a Independencia, o Brazil se constituísse Estado soberano, ou sob a fórma monarchica, ou republicana. Em qualquer das hypotheses, ficaria mutilado e desfalcado o patrimonio, cujo herdeiro elle era.

Convenceu-se, finalmente, de que era impossivel manter-se no papel de herdeiro dos dois paizes que formavam a monarchia lusitana. Era forçoso optar por um, ou por outro. O calculo de governar o Brazil, temporariamente separado de Portugal, não passava duma pueril illusão. D. Pedro antevia que, desde o momento da separação, o Brazil de subito se faria independente e soberano. Ora, tendo elle promovido e auxiliado a separação, havia se despojado de sua herança. Quando estas preoccupações affligiam o espirito do regente, as côrtes portuguezas constituintes privam-no do poder de governar e, talvez prevendo que elle seria o paladino da revolução do patriotismo e da Independencia, mandam, por um decreto, que saísse do Brazil e fôsse viajar pela Europa, disfarçando a offensa e desconfiança sob o pretexto de completar a educação.

Acreditaram as côrtes haver inutilizado o potente instrumento com que os patriotas brazileiros contavam para realizar a grandiosa obra da emancipação da patria.

Por sua vez, d. Pedro compenetrrou-se da urgencia de tomar uma inabalavel resolução; ao seu espirito parecia evidente que a sua posição, em presença das côrtes, era insustentavel, quer no Brazil, quer em Portugal.

A historia, que se eleva acima de povos, de reis e de parlamentos e que apura e julga os actos, condemna-os, ou absolve-os, glorifica os herões e louva os benemeritos, certamente não será severa com as côrtes portuguezas, dirá que estas procederam no interesse da nação que representavam.

O decreto das côrtes (onde Fernandes Thomaz verberou d. Pedro) (6) foi acto de previdencia. Conhecido o caracter do duque de Bragança, manifestas as suas tendencias absolutistas e demagogicas, a insoffrida ambição do poder, seria uma inepcia consentir que elle permanecesse no governo da colonia, que se agitava para conquistar a liberdade e a inde-

pendencia. Sob o ponto de vista do dominio da metropole, o procedimento das côrtes foi habil, pretendendo tirar á revolução brazileira o campeão destimido e o mais conveniente. Sós, sem o príncipe, os brazileiros hesitariam, temendo as consequencias duma revolução mal succedida; porém, com o filho do rei á frente, os revolucionarios teriam não só uma garantia no desastre, mas audacias no perigoso emprehendimento.

Quando aquelle decreto chegou ao Brazil, foi recebido com uma explosão vociferante de coleras. Os patriotas comprehenderam os perigos e males que os assoberbariam, si o príncipe, obedecendo-o, abandonasse o governo e partisse a viajar pelas côrtes europeas, atraído pelas seducções dos prazeres nos grandes centros de civilização.

Os promotores do movimento revolucionario, — os Lédos, Rocha, conego Januario e outros, — cercaram o duque de Bragança, supplicando-lhe que não partisse.

Era o inicio do drama, do qual a Constituinte de 1823 é um importantissimo acto, como veremos no correr destas paginas.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Historia de Portugal*, por Laclede — *Historia de Portugal*, por Pinheiro Chagas, etc.

(2) *Estudo historico das relações diplomaticas e politicas entre a França e Portugal*, por Alvares Leite Velho, 1 vol.

(3) Oliveira Martins — *Historia de Portugal*, vol. 2.^o.

(4) Leia-se o discurso tratando da naturalização, da liberdade religiosa, etc. *Diario da Constituinte*.

(5) *Historia da Revolução do Porto*.

(6) Palavras de d. Pedro no discurso que proferiu na Assembléa Constituinte.

(7) *Diario das Cortes*, discurso de F. Thomaz Pereira da Silva; *Historia da Fundação do Imperio*.

D'AQUI E D'ALLI

Pensa-se, talvez, que o Shylock posto em scena por Shakespeare, não é mais que imaginação do dramaturgo. Pois o original de Shylock existiu, era um medico, um judeu portuguez, Ruy ou Rodrigo Lopes, que, devido á sua habilidade medica e tambem ao seu grande espirito de intriga, ganhou a confiança da rainha Elisabeth.

Fixada a sua residencia em Londres, elle foi, durante muitos annos, o medico principal da rainha, até que se deixou seduzir pela politica. Graças á protecção de Elisabeth, era o medico do hospital de São Bartholomeu e obteve o privilegio e o monopolio da importação do aniz na Inglaterra. Lopes era pouco estimado dos seus companhei-

ros, que o accusavam de diversas indelicadezas.

Conspiradores, sabendo da confiança que a rainha depositava no juden, offereceram-lhe 50.000 corôas para assassinar Elisabeth e fazer parte de uma conspiração hespanhóla. Elle ouviu e discutiu a proposta, comprometteu-se bastante quando preso e a trama foi descoberta. Instaurado o processo, foi condemnado á morte e executado em 1594 com viva alegria de muitos dos seus contemporaneos.

Depois da sua morte, elle tem figurado em mais de uma peça; Shakespeare fel-o Shylock; Marlowe utilisou-o no *Fausto* e no *Judeu de Malta*; Dekker e Middleton fizeram-no entrar em outras duas peças.

Lopes, para ajudar os seus negocios, tinha abraçado o christianismo e não cessava de proclamar a sinceridade da sua crença.

* *

Massenet acabou a partitura para a *Ariane*, a nova peça de Catulle Mendès. O compositor não occulta o seu entusiasmo para com a obra, que considera como capital, e que, pensa o maestro, supplantará o valor das suas numerosas creações. Coisa curiosa: Massenet acha sublime o libretto de Catulle Mendès, enquanto o poeta julga incomparavel a musica do compositor. Isso admira, sobretudo quando se sabe que, em regra geral, librettistas e compositores passam por estar sempre descontentes uns dos outros.

* *

Nenhum monumento commemorava a heroica expedição Andrée. A sociedade de anthropologia e de geographia de Stockholmo quiz prestar essa homenagem ao grande suéco e encomendou uma *plaque* do gravador Eric Lindburg, um dos melhores discipulos de Chaplain.

O artista representou o balão do infeliz explorador elevando-se acima dos gelos. A Snecia vê com anciedade o aérostatto afastar-se para o pólo, enquanto um grupo de jovens acclama Andrée, e um velho, inquieto, prescru-ta com os olhos o horizonte mysterioso. Uma data, 11 de julho de 1897, está gravada ao alto da composição. Em baixo, no reverso do medalhão, que tem, em relevo, o perfil de Andrée, lêem-se o nome do heróe e os de seus companheiros Steinberg e Fraenkel.

* *

Reuniu-se em Liège um congresso de bibliothecarios de todos os paizes, para estudar diversas questões relativas aos archivos e bibliothecas.

A assembléa tratou, principalmente,

da reproducção tão desejada dos manuscritos. O recente incendio da bibliotheca real de Turim, onde se perderam as bellas *Horas de Turim*, com illustrações dos Van Eyck, provou que perdas irremediaveis a arte poderia soffrer, quando desses preciosos documentos não se conserva sinão um unico exemplar em original, como geralmente acontece.

O dr. Gayley, da Universidade da California, apresentou um projecto de se constituir, na America, um escriptorio para centralizar os *clichés* dos manuscritos, os cunhos dos sellos e das moedas e publicar *fac-similes* numerosos dos mais raros manuscritos.

* *

Ernest Charles resume, na *Revue Bleue*, o novo romance de Arthur Chasseriau, o *Mercado das almas*. Chasseriau não gosta sinão da simplicidade, da poesia da simplicidade e da belleza. A heroína da sua novella é educada em terras bascas. Mais bella do que convém, a desgraçada encontra um pintor pariziense que a despoza. E' transportada, então, para um mundo onde as virtudes parecem vicios e os vicios semelham virtudes. Ella será victima de Pariz e dos que habitam a cidade perdida. Afinal, um amigo a condúz para a terra natal, donde ella nunca deveria ter saído. E si encontrou esse amigo bom é porque guardou, tambem, ligadas á sua provincia, a lealdade, a nobreza e a rectidão, que não podem viver e prosperar sinão afastadas das cidades.

Ha no *Mercado das almas* satyras felizes dos typos que tem o seu papel na civilização pariziense, e uma delicadeza extrema na pintura dos sentimentos desses typos que se espantam do mal e não querem soffrer até conquistarem Pariz.

E' um romance moral, muito social mesmo. Chasseriau acalma a febre da vida das grandes cidades, e louva, como poeta, a volta á feliz simplicidade dos campos, a vida benefica na admiração das bellezas da natureza.

* *

Uma exposição geral, organizada pela comissão industrial franceza e protegida oficialmente pela municipalidade, realiza-se, agóra, em Norbonne, de outubro a novembro de 1905.

Todos os productos ali estão admitidos. Industriaes, fabricantes, inventores, commerciantes, horticultores, viticultores, artistas, todos tomam parte neste certamen.

Grandes festas organizam-se, durante a exposição, para realçar o brilho desse bello torneio economico e pacifico.

Na Allemanha, prepara-se uma importante manifestação artistica. Uma comissão composta de conservadores de musens, criticos de arte e colleccionadores de toda a Germania, tendo á frente os mais afamados artistas, organiza uma exposição centenaria da arte allemã, que se inaugura em principios de 1906 na *National galerie*, de Berlim, e comprehende uma grande copia de pinturas, aguarellas, pasteis e desenhos, e as obras mais notaveis da pequena escultura de todo o seculo passado.

* *

Muito se tem contado sobre a psychologia dos gêmeos, que algumas vezes se parecem e noutras tem um para o outro correlações admiraveis.

Um caso, recentemente levado á Sociedade de Biologia, de Pariz, apresenta bastante singularidade. Trata-se de dois gêmeos, que, contrariamente á opinião geral, tem o caracter muito diverso. Os irmãos, que são duas meninas, mudaram de genio, depois de uma certa idade. A particularidade não está no facto da mudança. Essas mutações de caracter são coisa frequente e conhecida; é que estas mutações são permutas, são trocas.

Das duas meninas, uma é expansiva, a outra indifferente. Fôram reunidas, quando pequenas, a um irmão mais velho; a primeira acolheu-o muito mal e testemunhava-lhe sempre antipathia, a segunda recebeu-o alegremente. Uma é loira, alta, a pelle branca; a outra, morena e baixa. Com os typos muito differentes, até os treze annos, as duas irmãs conservaram o caracter que possuíam. Logo depois, houve, porém, uma modificação total. A morena, outr'ora affectuosa para com o irmão, não o pôde mais supportar. A antipathia que ella vota ao rapaz, deu-lhe mesmo animação e loquacidade; tomou, enfim, todo o caracter da irmã, que, por sua vez, se tornou apathica, procurando o isolamento e aturando o irmão não sem repulsas.

* *

Formou-se, ultimamente, em Pariz, uma grande comissão para celebrar, a 6 de julho de 1906, o terceiro centenario do nascimento de Corneille.

Será uma festa de caracter puramente nacional; o programma comportará uma solemnidade na Sorbonne com a presença do presidente da Republica; depois, a inauguração do monumento do grande classico francez, erigido por iniciativa dos estudantes, e, finalmente, diversos espectaculos classicos.

Da comissão fazem parte diversas individualidades das mais salientes nas roda universitaria e na academica, na litteraria e jornalística.

PAGINAS ESQUECIDAS

O FERETRO LUCTUOSO

(Heine)

Eu entérro as canções de amor e o fél amargo
Do meu triste sonhar ;
Quero um caixão profundo, immenso, vasto
[e largo ;
Depressa ide-o buscar !

Um caixão formidando, um feretro portento,
Que sobr'exceda e vença
O pêso sobrehumano, e o enorme comprimento
Da ponte de Mayença.

T'razei-m'o sem demora ; eu hei de enche-lo
[em breve ;
Vereis a promptidão.
De Heidelberg o tonel será pequeno e leve
Ao pé desse caixão.

Doze gigantes quero, o aspecto feio e rudo,
E dum vigor sem conta,
Que me façam lembrar Christovam, o menbrudo,
Que em Colonia se aponta.

Gigantes balouçáe o feretro luctuoso.
Vamos ! agóra, ao mar !
Cova maior existe ? Abyssmo assim grandioso
Difficil é de achar.

Sabeis porque eu desejo um feretro assim
[largo,
De vastas dimensões ?
E' que entérro, infeliz, o amor, o fél amargo
Das minhas illusões.

GONÇALVES CRESPO.

* * *

CURIOSO FUNERAL

D'EL-REI DE SIÃO

Grandissima foi a dôr e o sentimento que todos os grandes do reino mostraram pelo seu bom rei, que deante de si viam morto, e infinitas as lagrimas que por isso derramaram; porém, depois que uma coisa e outra fez termo, se ajuntaram todos os sacerdotes daquella cidade que, segundo se disse, eram vinte mil; e tratando os principaes do reino do enterramento daquelle corpo, e das ceremonias com que se haviam de fazer as suas exequias, se ordenou que fôsse logo queimado, antes que a peçonha de que morrera lhe causasse algum máu cheiro, porque, se o viesse a ter, não podia a sua alma por nenhum modo ser salva, conforme ao que sobre isso era escripto. Pelo que se fez logo ajuntar com muita pressa uma grande fogueira de sandalo, aguila, alambre, e beijoim, e se lhe poz o fogo com outra nova cerimonia, aonde o corpo do defunto foi queimado com um lamentavel pranto de todo o povo, e a cinza delle foi mettida em uma caixa de prata, e a embarcação em uma rica laulé, que se dizia a *Cabisonda*, a qual levavam á tôa quarenta serós equipados de talagrepos, que são as su-

premas dignidades do seu gentilico sacerdocio; e, atóra isto, ia acompanhado duma grande multidão de embarcações, em que ía inñuita gente, e detraz de todas ellas íam cem barcaças grandes, carregadas de diversas figuras de idolos em vultos de cobras, lagartos, leões, tígres, sapos, serpentes, morcegos, patos, minhotos, corvos e de outros muitos animaes. As figuras eram feitas tanto ao natural, que todas pareciam vivas. E todos os vultos destes idolos íam por dó cobertos de peças de seda, conforme as côres de cada um; os quaes eram tantos e em tanta quantidade que, segundo o computo dos que o viram, se affirmou que se gastaram mais de cinco mil peças de seda no dó, com que esta multidão de diabos ía coberta. Noutra embarcação muito grande ía o rei de todos estes idolos, a que elles chamam «serpe tragadora do concavo fundo da casa do fumo», em figura d'uma monstruosissima cobra da grossura de mais d'uma pipa, enroscada em nove voltas, que extendidas parece que viriam a ser de comprimento de mais de cem palmos, e com o collo levantado em alto. Dos ollios, da bocca e dos peitos desta cobra saíam grandes espadanas de fogo artificial, que a faziam tão medonha e tão mal assombrada, que as carnes tremiam de olharem para ella. Num theatro de altura, ao parecer, de quasi trez braças, muito dourado e rico, ía um menino muito formoso, de quatro até cinco annos de idade, todo coberto de fio de perolas, e de cadeias e braceletes de rica pedraria, com umas azas e cabelleira de fio d'ouro, assim como cá entre nós se pintam os anjos, e com um rico treçado na mão, dando a entender com esta invenção que era anjo do céo mandado a prender toda aquella multidão de diabos, por não saltarem á alma d'el-rei, antes que chegasse ao aposento, que na gloria lhe estava aparelhado por premio das bôas obras que neste mundo fizera. Com esta ordem chegaram as embarcações todas á terra, a um pagode que se chamava Quiay Pontar, aonde, depois que foi enterrada a arca de prata em que íam as cinzas do corpo d'el-rei, tirando o menino fóra, se poz fogo a toda aquella multidão de idolos assim como íam nas barcaças, com um tamanho estrondo de gritos, brados, apupos, tiros de artilheria e espingarderia, tanger de sinos, bacias, cornos, buzios, e com outras muitas maneiras de diferentes dissonancias que faziam tremer as carnes : a qual cerimonia não duraria mais que uma hora sómente ; porque como todas essas figuras eram feitas de palha e nas embarcações ía muita somma de breu e resina para sete effeito, fez isto em muito breve espaço levantar um tamanho e tão es-

pantoso fogo, que quasi parecia um retrato do inferno, e as embarcações com tudo o que estava nellas ficaram de todo consumidas. Acabado isto com muitas invenções de coisas muito naturaes e custosas, que não escrevo por me parecerem superflinas e desnecessarias, toda esta multidão de gente veio para a cidade, e se recolleu cada um em sua casa, aonde todos estiveram com todas as portas e janellas fechadas, com o que as praças e as ruas ficaram de todo desertas por tempo de dez dias, sem em todos elles apparecer coisa viva, senão sómente a gente pobre, que de noite com muitas lamentações pedia sua esmola. Passados os dez dias deste encerramento, as varellas, os pagodes e brallas, que são os seus templos, amanheceram todos ornados de insignias de alegria, com muitos toldos, estandartes e bandeiras de seda, e com mesas ricas em que havia muitos cheiros. E appareceram por todas as ruas homens a cavallo, vestidos de damasco branco, que ao som de instrumentos suaves diziam, chorando, em vozes muito altas : — *Ouvi, ouvi, desconsolados moradores deste reino siamez, o que se vos notifica da parte de Deus ; e, com corações humildes e limpos, louvâe todo o seu santo nome, por quão justas são as coisas do seu divino juizo, e saí alegres de vossos encerramentos, cantando louvores da sua bondade, pois lhe aprouve dar-vos rei novo, temente a elle e amigo dos pobres.* — Após este prégão se tocaram muitos instrumentos, que homens a cavallo, vestidos de setim branco, íam tangendo com muito concerto e suavidade, ao qual todos os ouvintes, prostrados com os rostos por terra e as mãos levantadas, como que davam graças a Deus, e em vózes muito altas respondiam, chorando : — *Procuradores fazemos os anjos do céo, para por nós louvarem o Senhor continuamente* — E, saíndo das casas com muitos bailes e festas, se íam offerecer ao *Quiay Fanatel*, deus dos alegres, com offertas de cheiros suaves, e os mais pobres com gallinhas, fructas e arroz para os socerdotes comereim.

FERNÃO MENDES PINTO.
(1509-1580)

ARMADA NACIONAL

O material depois da revolução de setembro de 93—O systema dos remendos; os arsenaes ; as construções novas.

A revolução de setembro de 93 vencida, mais desfalcada achou-se a nossa já pouco numerosa e nada effizaz esquadra.

Dos navios a que se dava o nome de couraçados, um, o *Riachuelo*, soffria

reparos na Europa; outro, o *Aquidaban*, fôra gravemente avariado no casco no ataque de torpedeiras em Santa Catharina, ataque chrismado com o pomposo nome de «combate naval de 16 de abril». Os demais couraçados eram ainda os mesmos monitores que haviam feito a campanha do Paraguay, microscopicos, vellhissimos e imprestaveis já.

Dos pseudo-cruzadores, o *Tamandaré*, não obstante ter tomado parte activa na revolução, ainda estava em fabrico; mesmo prompto, nada valeria; teria sido um bom navio, na sua classe, em 1886, epocha em que devera ter ficado concluido. O *Primeiro de Março* e o *Parnalyba*, o *Guanabara* e o *Trajano*, já analysados por nós e quando estudamos epocha anterior, tinham agóra sua nullidade aggravada pelo maior tempo de serviço e os dois ultimos pela actividade em que se mantiveram durante a revolução. O *Republica*, cansado tambem de 8 mezes de lucta, seria em perfeito estado um cruzador de 3ª classe, e o *Tiradentes*, nada mais era, e é, do que nma fragil e morosa canhoneira.

Entre os navios adquiridos pelo marechal Floriano, nenhum cruzador ou couraçado havia: o *Nitheroy* e o *Andrada* eram dois paquetes de bôa marcha dotados de soffrivel artilharia. De aproveitavel na esquadra dita legal, só existia o nucleo de torpedeiras, sendo de notar, no emtanto, que mesmo estas não eram navios perfectos no seu typo: a *Gustavo Sampaio* tinha marcha deficiente, os cascos de algumas eram fraquissimos e, a respeito de machinas, a *Pedro Ivo* patenteou-se defeitnosa naquelle «combate naval de 16 de abril», não podendo acompanhar as demais torpedeiras na investida ao *Aquidaban*, justamente no momento decisivo.

Na Europa, concluia-se o *Benjamin Constant*, encommendado ainda pelo almirante Wankenolk, e que nada viria accrescer ao valor da nossa esquadra.

Era necessario, pois, augmentar o nosso material naval com acquisições novas, e reparar, modernizando, os poucos navios de valor que possuíamos.

O ministro da Marinha que geriu a pasta até 15 de novembro de 94, tomou, para obter esse fim, as seguintes medidas:

Substituiu os nomes de *Aquidaban*, *Guanabara*, *Trajano* e *Trindade*, pelos de *Vinte e quatro de maio*, *Paysandú*, *Tonelero* e *Liberdade*. Era, incontestavelmente, uma medida de alto valor e inspirada por certo no exemplo do almirante Gonçalves, que anteriormente, em seguida ao «combate naval de 16 de abril», baptisára o *Aquidaban* com o nome de *Dezesseis de abril*, por certo, mais logico, no momento,

do que o de *Vinte e quatro de maio*. Além dessa medida, confessou a situação precaria da armada, assignou o expediente com pontualidade, e ao deixar a pasta, fez para a Europa encomenda de 8 navios novos: dois couraçados guardas-costas, tres cruzadores e tres cruzadores-torpedeiros.

Seguiu-se-lhe, na administração da marinha, o almirante Elizario Barbosa, que se conservou na pasta dois annos:

O paiz começava a atravessar o periodo mais agudo da sua crise financeira; era impossivel fazerem-se novas acquisições para a armada. Em todo o caso, não desconhecendo as nossas difficuldades, o almirante Elizario achava necessario encomendar novos navios, insistindo a esse respeito em seus relatorios de 1895 e 1896 e argumentando com energia e clareza. Infelizmente, não foi attendido.

Não cabe aqui discutir a excellencia dos typos cuja construcção propunha; cabe apenas assignalar que elle pedia essa construcção, descrevendo a nossa esquadra como um conjuncto de navios velhos e de nenhum valor militar, quasi todos.

O ministro que succedeu ao almirante Elizario, tambem pedia novos navios, e não só não os obteve, como durante sua gerencia viu serem vendidos aos Estados-Unidos, por difficuldades da nação, dois cruzadores que se construíam na Europa, um delles já no periodo de acabamento.

Entratanto, vinham chegando ao paiz os navios mandados reformar ou fabricar no estrangeiro.

Primeiro, o *Riachuelo* em 95. Voltava o mesmo navio que fôra em 84, quando novo. Si a sua artilharia média, que é pouco numerosa, era de modelo recente, não se dava o mesmo quanto á grossa artilharia, que continuava a ser de modelo antiquado. Os mastros militares, com que o dotaram, em nada augmentaram seu valor, e assim dado que elle alcançasse as 16 milhas de velocidade que alcançára em 84, como a sua couraça era ainda a mesma, podemos dizer que, completamente reformado, o *Riachuelo* era, contudo, um navio velho, atrazado de 12 annos. E, no entanto, gastou-se com essa reforma avultadissima quantia!

Depois, chegou o *Timbyra*, o *Barroso* e o *Tupy*.

O primeiro e o terceiro denominados cruzadores-torpedeiros, navios perfectamente inuteis na nossa marinha; com velocidade inferior á dos cruzadores em geral, com reduzido raio de acção, não podendo tambem ser empregados efficazmente como torpedeiros pela deficiencia de marcha e pela impropriedade do porte, pertenciam a nma classe de navios que já estava sendo despresada pelas potencias que a ha-

viam adoptado, a titulo de experiencia.

O *Barroso* era um regular cruzador, typo Armstrong, embôra inferior aos trez que a Argentina possuia no mesmo genero. Para nma esquadra como a nossa, porém, sem um nucleo de verdadeiros navios de combate, nada adeantou a sua acquisição.

Chegou depois o *Aquidaban*, e que levára tres annos (!) a ser reparado. Menos de um anno depois de sua chegada, tendo de deixar o Rio de Janeiro, afim de aguardar a divisão argentina em que vinha o general Rocca, descobriu-se que o *Aquidaban* não dava atraz!

Nas commissões que desempenhou depois deste facto, julgava-se optima a sua marcha quando attingia 9 milhas!

Os almirantes Carlos Balthazar da Silveira e José Pinto da Luz, que geriram a pasta da marinha entre 98 e 1902, tambem reclamaram novas construcções; não apresentaram programma com esse fim, nem expenderam idéas a respeito; tambem esses não fôram attendidos.

Durante a administração do ultimo, chegaram da Europa o *Deodoro* e o *Floriano*, navios dotados duma cinta couraçada bastante espessa, é facto, mas de tão pequena altura que com um balanço de 10º, ella fica emersa ou mergulhada inteiramente; e tanto mais susceptivel de dar-se é este caso, quanto se sacrificou a estabilidade dos alludidos navios afim de reduzir-lhes o callado. O convéz couraçado que lhes protege as partes vitaes é relativamente fraco, e os reductos que encerram a artilharia média são mal protegidos. Conseguiram, nas experiencias, realizar a marcha de cerca de 15' São, pois, navios de pequeno valor militar, capazes de luctar com successo, apenas em rios ou com mar espelhado. Esses são, entretanto, os inais verdadeiramente navios de guerra que possúe a nossa esquadra! Depois, delles, até novembro de 1902, nenhuma nova acquisição se fez para a armada brasileira.

O malfadado systema dos remendos continnára depois de 93. Gastaram-se sommas avultadas em reparar navios vellhissimos, imprestaveis. E como os nossos arsenaes estavam tambem desmantellados, esses reparos consumiam 4, 5 e mais annos. O *Trajano*, com mais de vinte annos de existencia, foi reconstruido em 4 annos e com um dispendio superior a mil contos de réis. A construcção de um navio identico requer um anno, no maximo, e seu custo não excederá a 700:000\$. O brigue *Recife*, puramente a véla, navio

imprestavel desde novo, foi tambem mandado reconstruir; ha 4 annos achase em reconstrucção, que já consumiu cerca de 400:000\$; ainda não está prompto. A *Lamego* levou em reparos mais de 6 annos; para ella, encomendou-se uma caldeira nova; fizeram-se outros gastos, e depois de tudo, deu-se-lhe baixa, sem que tivesse desempenhado uma só commissão. O *Primeiro de março*, reconhecidamente máu veleiro e com machinas fracas, sem o menor valor militar, reconstróe-se ha 4 annos.

Todas as administrações obstinaram-se em concluir a construcção do *Tamandaré*; só o conseguiram após 20 annos de trabalho, dispendendo enormissimas sommas que, si não chegam aos falados quarenta mil, attingem, pelo menos, a doze mil contos; e o *Tamandaré* é uma irrisão de navio de guerra. Limitamos-nos a esses exemplos.

Os arsenaes da Bahia e Pernambuco fôram sabiamente extinctos pelo almirante Balthazar.

Conservou-se o do Pará, onde reparos minimos em antigos patachos, em launchas e em barcas-pharões, são por quantias tão fabulosas que devem despertar a attenção das auctoridades.

Conservou-se o do Rio de Janeiro, onde é mantido um exercito de máus operarios, ociosos e sem ter quem os dirija, operarios desnecessarios e ahí firmemente apegados pelo empenho de meia duzia de deputados, em vespéras de eleição.

Conservou-se o arsenal de Matto Grosso, onde, em 4 annos, se repara uma minuscula canhoneira e por excessivo preço.

TONELERO.

ACADEMIA BRAZILEIRA

No numero passado não nos foi possível noticiar que, na penultima terça-feira, 31 de outubro, se realizou a eleição do successor de José do Patrocínio na Academia Brasileira.

Como se sabe, eram candidatos os srs. padre Severiano de Rezende, drs. Mario de Alencar e Domingos Olympio, nosso director. Apurou-se este resultado:

O dr. Mario de Alencar obteve os votos dos seguintes academicos: Machado de Assis, Salvador de Mendonça, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Souza Bandeira, Magalhães Azeredo, Graça Aranha, Domicio da Gama, Rio Branco, Eu-

clydes Cunha, Joaquim Nabuco e Garcia Redondo.

O dr. Domingos Olympio obteve os votos dos srs.: José Verissimo, Coelho Netto, Olavo Bilac, Guimaraens Passos, Alciudo Guanabara, Inglez de Souza, Arthur Azevedo, Filinto de Almeida e Clovis Bevilacqua.

O padre Rezende teve o voto do dr. Affonso Celso.

Toda a imprensa noticiou que o voto do sr. Oliveira Lima, a favor do sr. Domingos Olympio, não foi contado porque o venerando sr. Machado de Assis, honrado presidente da Academia, só se lembrou d'elle depois de apurada a votação.

* *

O resultado da eleição, derrotando o sr. Domingos Olympio, provocou um protesto geral de que são expressões as linhas que transcrevemos, em seguida, simplesmente como uma alta homenagem ao director dos *Annaes*, homenagem a que elle não pôde deixar de estar profundamente sensível.

Disse Alciudo Guanabara, na sua secção *O Dia*, do *Paiz*, de 1º de novembro:

«A Academia de Letras derrotou hontem Domingos Olympio, para eleger o sr. Mario de Alencar.

Este simples enunciado basta para demonstrar a injustiça do voto. O sr. Mario de Alencar é um moço de talento, sem duvida, mas que está muito longe de se poder comparar em merecimento, em instrucção, em capacidade, em serviços e em trabalho ao velho jornalista, ao chronista fulgurante, ao romancista nacional por excellencia que Domingos Olympio é. O sr. Mario de Alencar mereceria, sem duvida, um premio de animação; mas derrotar o seu brillante competidor é apenas a prova de que mesmo no centro dos immortaes o que prevalece não é a justiça, mas o favoritismo. Posso dizelo tranquillamente, porque eu mesmo começo por julgar que não tenho direito algum a occupar uma cadeira na Academia. Vi-me proprietario de uma dellas sem saber porque, e si não renunciei a ella foi simplesmente porque essa renuncia não aproveitaria a ninguém, visto que a Academia só a tomaria em consideração deante da minha certidão de obito, que eu espero que ella receberá o mais tarde possível. Não me julgando com direito a occupar um assento nessa assembléa, não é extranhavel que eu estenda esse rigor aos que a elle são candidatos e

que não me julgue obrigado a acatar as deliberações da sua maioria como perfeitas. A de hontem foi clamorosamente injusta e o assignalo exactamente porque é a primeira vez que, contra as eleições da Academia, se pôde levantar um protesto, cujo fundamento toda a população culta do Brazil pôde apreciar. Ainda hontem, momentos antes da eleição, João Ribeiro dizia-me: — Presume-se que a Academia é uma cousagração pelos trabalhos feitos. Aqui não é o logar dos que principiam.

Si assim é, entre os dois candidatos de hontem o logar competia indisputavelmente a Domingos Olympio. Este acaba uma longa vida de publicista e de romancista, cujo nome, máu grado o voto da Academia, é e continuará a ser respeitado, admirado e acatado.»

* *

Da *Tribuna*, de 1º de novembro:

«A Academia Brasileira de Letras elegeu hontem para a cadeira vaga pelo fallecimento de José do Patrocínio o dr. Mario de Alencar, funcionario da secretaria da Camara.

Não é desfazer dos meritos do eleito assignaglar como fez hoje *Pangloss*, no *O Dia* d' *O Paiz*, a injustiça da derrota do dr. Domingos Olympio, o velho jornalista e litterato que ha trinta e tantos annos não faz sinão espalhar prodigamente as manifestações do seu grande talento e de sua provada cultura intellectual.

Pangloss não é suspeito; membro da Academia, o seu desassombrado protesto de hoje vale como um gilvaz, ferreteando a aferição do merito na archi-douta corporação.»

* *

Do *Correio da Manhã*, de 2 de novembro:

«Na edição de hontem do *Correio da Manhã*, demos o resultado da eleição do successor de José do Patrocínio na Academia Brasileira.

Esse resultado, que elegen o jovem Mario de Alencar, funcionario da secretaria da Camara, contra o velho e eminente escriptor Domingos Olympio, causou, como era natural, a mais dolorosa impressão.

Apezar do favoritismo, da subser-
viencia, da molleza de caracter que

têm minado todas as instituições do espirito nacional, ninguém, positivamente, suppunha que o mal já tivesse chegado, e num tal gesto de escandalo, até á Academia Brasileira, uma casa, hoje de pedra e cal, onde, numa paraphrase do velho distico, só deveria entrar quem tivesse merecimento.

Antes de surgir a candidatura do jovem funcionario da secretaria da Camara, a victoria do sr. Domingos Olympio era indiscutida, era, até, ambiente. Todos sentiam que sobre ella não podia haver a minima duvida, sobretudo porque, numa cadeira que occupou José do Patrocinio e de que é patrono Joaquim Serra, só devia ficar bem um jornalista como o director dos *Annaes*.

Mas vejam lá! isso não era do agrado do sr. Rio Branco; isso não era daquellas suas cócegas saudaveis de que só os srs. Pecegueiro e Domicio sabem o botão. O nosso carissimo chanceller não se convence, nem á mão de Deus padre, de que o sr. Domingos Olympio não é o auctor de uns artigos editoriaes da *Noticia* contra a sua politica na chamada questão do Acre — auctoria que elle, o chanceller de banha, insinuou em mofinasinhas réles pelos *a pedidos* do *Fornal do Commercio*, recurso de que se não valeu para jurar que é do seu auctor a *Ode* que o innocente moço, aliás sem interesses, arriscou em louvor do barão. Mandou, dest'arte, levantar a candidatura do lindo mocinho, conhecido *cria* do sr. Machado de Assis — o que, dado o prestigio paternal do mestre, não deixava de ser, até certo ponto, alguma agua fria na fervura dos enthusiasmos em favor do sr. Domingos Olympio. Por outro lado, soltou os seus rafeiros de estimação, e, pois, ganharam os srs. José Pereira da Graça Aranha, Domicio da Gama, *et reliqua*, por esses mundos dentro da *immortalidade* a filar votos dessas mansas creaturas, de que, aliás, o chanceller só se lembra quando precisa de *gatos mortos*. Sobre isso, o sr. Seabra deu á Academia casa, cadeiras, agua, gaz, — um *laxante*, enfim, que a desobstruía. Era mais um elemento decisivo de que o chanceller mandou fazer obra perante os emprezarios do antigo *mambembe*. E mandou porque o sr. Seabra é o mais torneado e o mais gorrodo dos *gatos mortos*.

De resto, toda essa gente estava na sua celestial simplicidade; estava no seu papel. Por isso mesmo é que os srs. Souza Bandeira, Rodrigo Octavio, Raymundo Corrêa, Euclydes da Cunha, João Ribeiro e outros votaram no rapazola. Si os primeiros sempre affirmavam votar no auctor do *Luzia-Homem*, o ultimo, o sr. João Ribeiro, dizia abertamente, declamando, apesar da sua preguiça, ser Domingos Olympio o seu candidato. E tanto é verdade que, depois de se proceder á eleição do successor de Martins Junior, elle disse que não votára (e o sr. Bandeira era um dos pretendentes) porque o homem das suas sympathias não se inscrevera.

Diga, pois, o publico: que differença, ao cabo de tudo isso, ha entre as eleições da Academia e as do 2º districto eleitoral desta Capital! Tem a Academia direito ao prestigio, á importancia, que ella chora não ter? Em nome do pudor, teem esses senhores o direito de gritar ou roncar contra as nossas eleições politicas? Elles, que não elegem o merito, que não elegem um mestre, como Domingos Olympio, e elegem um filhote, um principiante, como o jovem poeta da secretaria da Camara?

Ao vencedor, as batatas, como lá diz o mestre no Quincas Borba.»

* * *

Do *Progressista*, de Minas, num. 258, de 5 de novembro, correspondencia dirigida desta capital:

«Na eleição, procedida na Academia de Letras, de um membro para a cadeira de Joaquim Serra, vaga por morte de José do Patrocinio, foi derrotado Domingos Olympio.

O candidato vencedor foi Mario de Alencar.

Como é caprichosa a coincidencia de certos factos naturaes!

As linguas estão sujeitas a influencias climatericas; os seres vivos, á influencia mesologica; a tollice humana á influencia da lua; e a Academia brasileira, ás suggestões da pannela litteraria da rua do Ouvidor, ou, mais precisamente, da casa Garnier.

Ora, Domingos Olympio não aduba esse guizado.

Aquellas encantadoras palestras illustrativas não o attráem. Elle prefere ficar ignorante, plantando hortaliças,

macnlando a litteratura com romances sem valor, polluindo o jornalismo com chroniquetas insupportaveis.

Immortaes, porém, não querem isso: Immortaes querem companhia, Immortaes querem prosa no Garnier, e Immortaes, querendo isso, que *diabo!* querem bem pouco.

Mesmo, entrar para uma Academia de Immortaes é muito grave. Lá se trabalha muito, muito se estuda lá. E' tal o cuidado que Immortaes teem no resolver questões transcendentaes que se lhes antolham, que até hoje ainda discutem o modo preferivel de se escrever a palavra *Brazil*. Uns querem que venha do allemão; outros do hespanhol; outros ainda, mais minuciosos, do provençal etc., e propõem s e propõem z.

Eu, si fósse Immortal, havia de provar que a palavra vem da lingua mesopotamica, e que se escreve com *j*. E si quizesse minha idéa approvada, frequentava o Garnier, e prompto. E ali está como um escriptor implume derrota um velho e acatadissimo litterato.

Domingos Olympio não teve maioria de votos na Academia dos Immortaes; mas conta com a unanimidade delles no paiz, que o admira e o consagra e o immortaliza.—HEITOR LIMA.»

O ALMIRANTE (56)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XX

Decorreram alguns dias de anciedade. Vinham á flôr da imprensa rumores subterraneos, ameaçadores de uma iuminente convulsão do organismo social; falava-se sem rebuço de uma conspiração militar contra o tratado de divisão do territorio contestado na fronteira entre o Uruguay e o Iguassú, e dizia-se que o ajudante-general incitava secretamente a animosidade do exercito contra esse acto internacional, extorquido pelo ministro Moreno á longanimidade de Deodoro e Benjamin Constant, a pretexto de afastar difficuldades aos primeiros passos da Republica, realizando, ao mesmo tempo, os votos de confraternisação dos povos sul-americanos.

A marquezia lia, todas as manhãs, os jornaes e marcava, para chamar a attenção de Oscar, os artigos de suação sobre o assumpto, vendo nelles symptomias do movimento patriotico

que deveria restaurar a monarchia. Oscar se abandonára passivamente, sem protestos, sem observações, á vontade despotica daquelle creatura adoravel que occupava no seu coração de orphão o logar vago do affecto maternal. Elle cumpria sem restricções a sua promessa, entregando á fatalidade o desenlace dessa aventura em que se arriscára á idéa fixa da marquezia o ultimo representante da fidelidade ao Imperador deposto, como si todo o pudor nacional, todas as tradições, todos os sentimentos, todas as idéas da nação se houvessem concentrado no refugio sagrado do coração de uma mulher.

A explosão do movimento fôra adida. O doutor Leonel communicára á marquezia que o ministro do Brazil não voltára no *Riachuelo*, contratempo que exacerbára a impaciencia dos patriotas e afastára momentaneamente alguns elementos de exito. Nessas emprezas perigosas, o mais insignificante incidente arrefece o ardor dos mais decididos companheiros.

— Além disso — ponderava tristemente o doutor — por maior escrupulo que haja na organisação destas emprezas patrioticas, não é possível evitar o concurso dos fracos e a intervenção dos traídores.

— Traídores! — exclamou a marquezia, assombrada.

— Não se assuste vossa excellencia — as providencias estão tomadas para evitarmos o effeito desses contratempos insignificantes. Não vê o bello serviço que me está prestando a imprensa, agitando a opinião, preparando-a para cooperar na obra redemptora da salvação da Patria? Tudo isso é obra nossa; aquelles artigos incendiarios, aquelles veementes objurgatorias contra o governo, a pretexto de defeza da integridade do territorio nacional, tem alienado sympathias, tem creado descontentes e collocarão o governo isolado dentro de uma suspeita que o maculará para sempre. Tenha fé, minha senhora. Vossa excellencia, que é o anjo inspirador dos verdadeiros patriotas, verá compensados os seus sacrificias pela realisação do seu ideal supremo.

A eloquencia do doutor Leonel não conseguiu tranquillizar a marquezia, nem apagar do seu espirito a suspeita de que algo frustrasse os planos revolucionarios; mas o chefe dos conspiradores se despedira com um ironico sorriso de segurança, como si vislumbresse já o clarão da victoria imminente. Questão de alguns dias mais, dissera elle. Ella correrá a communicar essa entrevista a Oscar, que sorriu tranquillamente, approvando com o seu condescendente silencio todas as esperanças da marquezia, estivesse, embóra, inteiramente convencido de ser a terrivel conspiração uma tenta-

tiva gorada como muitas outras inspiradas pela incontinente ambição de alguns individuos ignorados, elevados á tona pelas surpresas da politica e desenganados dos seus vastos sonhos de prosperidade, de opulencia, de poder.

— Qual é a tua opinião? — perguntava-lhe, com insistencia, a marquezia.

— Sabes que ha muitos dias não vou á secretaria — respondia Oscar, evitando a pressão dessas questões — Não sei o que se tem passado na minha ausencia, sinão pelos jornaes. Escrevi ao Wandenkolk communicando-lhe que me auzentaria por uns quinze dias para repouzar. Elle me respondeu que eu era livre, estava absolutamente libertado dos rigores da disciplina, das maçadas do serviço, si bem que não fôsse impossível vir perturbar o meu repouzo si occorresse algum caso particular, muito importante. Ora, o meu repouzo não foi perturbado, porque não houve motivo para isso: tudo váe em perfeita paz na marinha.

A marquezia não agradavam essas reflexões sensatas de um espirito calmo. Ella preferia que Oscar partilhasse as suas duvidas, os seus temores, as suas incertezas e os discutisse, pezasse os *pro* e os *contra*, embóra dessa analyse resultassem conclusões desfavoraveis á idéa fixa no seu espirito como um grande fóco deslumbrante, para o qual convergiam, numa tensão frenetica, todas as energias da sua existencia.

Nessa tarde, a marquezia reabria. A primeira visita foi a do barão de Freicho, muito triste e muito penhorado pela consolação que a marquezia e Marianinha haviam levado á pobre Yáyá.

— Venho — disse o barão — trazer-lhe a minha gratidão pelo bem que fez áquella pobre e, ao mesmo tempo, as minhas despedidas.

— Parte? Para onde?

— Depois de uma conferencia em que tomaram parte as sumidades medicas da terra, o doutor Valente aconsellou-me uma viagem á Europa, não porque os especialistas de lá possam dar volta ao utero da baroneza, mas porque as diversões de um passeio concorrerão poderosamente para a cura completa. Não tenha duvida, disse-me elle, a baroneza atravessa uma crise natural, aquelles symptomas, na apparencia assustadores, nada valem: são resultados das ultimas resistencias de um apparelho essencial ameaçado de ser definitivamente privado de suas funcções. Essas seguranças, porém, entraram-me por um ouvido e saíram pelo outro. Essa viagem parece o derradeiro recurso. A mim me parece que ella é aconselhada para que o doente vá estoirar longe. Depois do desastre, fôram os medicos europeus, uns burros, uns explora-

dores, que entornaram o caldo, perturbando uma cura em via de pleno successo.

— Não desespere, barão — observou a marquezia, sem disfarçar profunda commoção.

— Qual, minha querida marquezia, aquella pobre está perdida. A culpa é della. Occultou-me tudo e sómente ha pouco tempo é que me confessori ser tratada pelo tal doutor. Essa confissão rebentou com uma conta de tirar couro e cabello.

— O barão não deve regatear serviços medicos á sua senhora.

— Eu não regateio; eston por tudo; daria o dobro, si m'a puzessem bôa; mas váe de mal a peor. E ali está para que abandonei a minha abençoada vida de solteiro. Para andar com uma doente ás costas.

— Quando pretende partir?

— Já tomei passagem para o primeiro paquete da Mala Real. Si tiverem algumas ordens a dar a este creado e amigo verdadeiro. A Yáyá não póde vir...

— Nós iremos vel-os antes de partirem.

Quando o barão se erguia para partir, entrou na sala Dolores, trajando um primoroso vestido de sêda cinzenta, sabiamente enfeitado com applicações de velludo negro. A marquezia ergueuse num movimento rapido e fulminou-a com um olhar de colera; mas a seductora mulher calinou-a com um eucantador sorriso, meio brejeiro, meio mysterioso, correu com as suas maneiras volúveis a abraçal-a, a beijal-a, explicando com varios incidentes banaes a sua prolongada ausencia. Voltando-se, depois, para Oscar, que sorria da derrota das ameaças da marquezia, disse-lhe, em gracioso tom de remoque:

— Como váe o nosso doutor? Então é bonito, um homem como o senhor, indispensavel á patria, braço direito do direito, abandonar o seu posto e se metter em casa, como um extenuado?

— Estou de licença — observou Oscar — fazendo companhia á minha querida mãesinha.

Essas palavras de ternura desfizeram todas as nuvens tormentosas accumuladas sobre a fronte da marquezia.

— Sua mãesinha — tornou Dolores, amimando a face da marquezia — é muito ciumenta e tem razão. Como váe Yáyá, barão?

— Yáyá váe para a Europa — respondeu o desconsolado marido — Vamos para a Europa.

— Que inveja tenho de vocês.

— Pois não tem de que. Viajar por prazer é um regalo; viajar por molestia é uma estopada.

(Continúa).